



nowiriado

REFEICAM
ESPIRITVAL
DIVIDIDA
EM DVAS PARTES.

Comunidade

EM LISBOA

Na Officina de Joam da Costa

M. C. D. LXXII

Com a Licença da Real Academia

REFFELICAM

ESPIRITVAL

DIVIDIDA

EM DVAS PARTES

Composita

REFEICAM ESPIRITVAL

Para a mesa dos Religiosos, & de toda a deuota familia.

ORDENADA POR TODAS AS
Domingas & Festas do anno, segundo a forma
da Reza Romana no officio do Tempo.

Com diligente Paraphasi historial, & mystica de seus Euangelhos.

I. PARTE HIEMAL.

D. V. C.

A Magestade Immaculada da sempre Virgem MARIA Mae de
Deos, & Senhora nossa em sua Fermosa, & Deuota Imagem,
fita no Altar do Coro do Real Conueto de S. Fr^{co}. da Cidade.

SVBDEDIC.

A MVITO ALTA, E MVITO PODEROSA
PRINCEZA NOSSA SENHORA.

*Author o M. R. P. M. Fr. MANOEL DO SEPVLCHRO, ^{sepuclero} Lente Iubilado, & Padre
da Prouincia de Portugal da Ordem dos Frades Menores da Regular
Obseruancia de N. P. S. Francisco.*

26.I.772



25860

of.

EM LISBOA.
Na Officina de IOAM DA COSTA.

M. C. D. LXIX.

Com todas as licenças necessarias.

Sala	CF
Est.	A
Tab.	8
N.º	10







A
S. E IMMACVLADA MAGESTADE
DA SEMP RE
VIRGEM MARIA

MAE DE DEOS, RAINHA DOS ANIOS, E SOBERANA
Emperatriz do Vniuerso : em sua Sacrosancta Imagem, sita
no altar do Coro do Real Conuento de S. Fr^{co}. da Cidade.

D. V. C.
IMMACVLADA SENHORA.



S plantas, ou tenras por plantadas de pouco, ou fracas por não muito fundadas; necessitam por mais benigno terreno que logrem de abrigo, que as repare, & do emparo, que as defenda dos rigores, & inclemencias dos disconuenientes contrarios. E se da fortuna he concederlhe o posto, cuidado he do cultor o grangearlhe o abrigo, & accommodarlhe emparo; para que se lhe não mal logre as alegres esperanças de seus frescos verdores; mas recolha contente os intentados fruitos. Fraca era, & tenra plantação, & tão noua, que não tinha mais de dezaseis annos, quando em o de 1613 fui transplantado no fertil, & delicioso jardim da Religiaõ; & honrado indignissimamente com o habito della, em tam bem afortunado posto, que foi ao pé do altar, que no cruzero do coro do Real Conuento de S. Francisco (que chamam da Cidade) de Lisboa; sustenta a fermosissima imagem de V. Immaculada Magestade. E no anno seguinte no mesmo lugar, das mãos do mesmo Prelado (que era o commum Mestre da Prouincia, Guardiam entam, Frei Andre de Guimaraens) recebi a profissam. E na mesma funcçam, entre a solennidade della, & paternaes exhortaçoes costumadas, porei com mais que costumada effi-

cia (ao que entam me pareceo) apontando com a mão para a
santissima imagem, me dixeo tal Guardião: Encomendouos fi-
lho muito que sejais sempre mui deuoto daquella Senhora. Eu
nãosei com que espirito proferio estas palauras; mas sei que com
toda sua fraqueza o meu as tomou como preceito de Prelado,
& como conselho de pae: tão mal de mim guardado, como o
mais, que naquella santa funcçã prometi: que falta de ordina-
rio a commensuraçã na correspondencia, & declina a obliqua
na obrigaçã, a que deuia ser parallela. Com tudo como era taõ
bem afortunado o sitio, & tam bem acomodado o abrigo, sem-
pre na raiz, a pezar do proptio inutil da planta, ficou viua a me-
moria daquelle conselho, ou preceito: & despertando a lembran-
ça na consideraçã da belleza do objecto, a cuja vista me trou-
xe repetidas vezes ao mesmo ditoso lugar a sorte da obediencia:
intendia como em reflexo seus rayos, & augmentaua os dezejos
de fazer qualquer pequena demostraçã de seruiço. E quando a
inutilidade propria desmayaua, parece que multiplicaua rayos o
diuino objecto nos beneficios, que aos pés della da mão de V.
Immacul. Magestade eu cada vez mais indigno recebia. Alenta-
ua-se tal vez o pusillanimo com a liçã, & noticias de exemplos,
eloquentes se mudos exhortadores, que de excessiuissimos supe-
riores fojeitos, que em semelhantes santas imagens de V. Imma-
cul. Magestade fizeram de suas affeicoens feliz emprego. Bastẽ
os domesticos de vosso affectuosissimo prẽgador o S. Fr. Bernar-
dino com a da porta Canolha de Sena. De vosso fidelissimo de-
fensor Fr. Ioam Duns Scoto com a da porta da Capella de Paris.
De vosso bom seruo Fr. Pedro do Campo com outra em Bar-
celona, & de outros muitos, que sã à historia pertencem. Se bẽ
todas essas imagens se fizeram dignas de veneraçã, ou pollas
marauilhas por ellas obradas, ou de celebridade por seus deuot-
tos cultores grañgeada. Porem esta do coro santo deste Real Cõ-
uento por sua estremada fermosura se faz digna de imperio. E
com effeito parece que o esta logrando na eminencia do lugar:
em o qual desde seu altar como de imperial throno, que no re-
clinatorio de ouro de seus diuinos braços sustenta ao Filho Deos
minino, tambem de imperial coroado; esta assi precedendo, &

como presidindo a outras doze regiamente coroadas fermozuras de imagens de huma só V. Immaculada Magestade, as quaes em outras tantas Cappellas nos thronos de seus altares, ao vosso santissimo nome propria, & particularmente (posto que debaixo de diuersos titulos, & inuocaçoens) consagradas: estam fazendo imperial apparatus, seis por hum, & seis pello outro lado; inferiores em lugar no real Templo, ao mais eminente do coro, no altar do qual està esta fermosissima esculptura collocada. Alli se ve obsequiosamente cercada de varias figuras de Anjos, que lhe deram o titulo; & seruida de numerosa multidam de filhos do Seraphico espirito, que de dia, & de noite estam nam sômente tres, mas sette vezes alternando diuinos lououres. E para fazer mais imperial a pompa, lhe assistem grande numero de celestiaes cortezaõs de ambos os sexos, em suas proprias reliquias, que em oito ricos sacrarios se guardam, santificandoas todas aquella notauel parte da camisa, que cobrio quando mortal o vosso deificado corpo. Desta bem no meyo do altar, no sacrario entre outros oito reliquarios; se forma a gloriosa peanha. Todos estes, & outros muitos motiuos instigauam de continuo o agradecido animo a se desafogar per algũa via de tam grande empenho de obrigaçoẽs; porem bem sabeis vos (Immaculada Senhora minha) os embaraçados desuios do tempo, os aduersos encontros da sorte, & as notorias impossibilidades do estado; que noutro seriam pedra, que abatesse as azas ao engenho para o voo; em mim eram chumbo, que retardauam os passos para o progresso. Até que sentado algum pouco de baixo da sombra, que tanto minha alma dezejaua; assentei comigo, que ninhum seruiço poderia ser tam grato à Mae do Deos dos espiritos, que offerecer-lhe minha limitaçam huma Refeição de espirito; para que dispensada por suas mãos, em que esta dedicaçam humilmente a punha, tiuesse dellas a graça, que minha rude, & grosseira penna nam leuaua. Porque nem o antigo manà guizado por angelicos asseos; para refeição do corporal de gente polla Fé entam religioza; achou Moyfes, que nam teria fabor, & graça, se nam fosse primeiro por elle a Maria offerecido, & por suas mãos aquella refeição dispensada. Aceite pois, Senhora, a clementissima

grandeza de V. Immaculada Magestade esta pequena parte de hum fraco talento; por tantos mil como deuer confesso, que principio he de paga a confissam da diuida. Siruase V. Immaculada Magestade de emparar esta humilde planta, a quem quando noua a deram por abrigo; & agora ja crescida mais em annos que em fruitos; queira V. Immacul. Magestade defender estes com o fauor de sua grandeza : que ja merecem o patrocínio por lhe auerem nacido, & creado em casa. Porque esta obra da Refeição que delles consta; aos pés, & à sombra de V. Immacul. Magestade foi concebida, & até o vltimo fazonamento do prelo vai chegando. Sombra dixeu, porque do original sombra he o retratto : & do delineamento de huma sombra dizem que teue principio a pintura, & por conseguinte a esculptura, que nesta imagem ostentou sua valentia; a sombra de tal arte, & de tal prototypo sombra. A esta sombra pois, de V. Immacul. Magestade, & a esta sua sacrosanta imagem consagra minha humildade esta limitada porção da Refeição espiritual; para que com tam soberano patrocínio alcance seu vnicamente intentado fim, que he o espirital aproueitamento, de quem della em commum, ou em particular vzar queira, para gloria do Altissimo Deos, que em Trindade perfeita viue, & reina para sempre. Amen. S. Francisco de Lisboa 20. de Janeiro 1666.

Fr. Manoel do Sepulchro

PRO CORONIDE.

E *Rgo breues, humilesque meos, Virgo accipe flores:
Aurea non capiti sola corona datur.*

ELOGIVM.

C *Vnctorum Regina chori celebratur in ara,*

Dum simul humanis, cœlitibusque preest.

Angelico gaudet Dominatrix summa canore,

Iugiter humano gaudet honore coli.

Cum sit vniuersus chorus, modico copulantur in vno;

Regeque cum Puerio Regia Mater adest.

A



A

MVITO ALTA, E MVITO PODEROSA
PRINCEZA N.^{ra}
SVBDEDIC.
SENHORA.



*O MO a soberania da summa prouidencia nam esteja sojeita aos accidentes da fortuna, antes infinitamente superior, dispoem forte, e suauemente os successos humanos; nam deixa lugar ao vulgar dos aca-
sos, que a erudiçam humana injustamente tem usurpado. Impensados si de nós outros, podemos dizer alguns successos: e em nenhum outro verificar se pode melhor, que no destes meus es-
crittos. Porque indo a França, para se imprimirem em Paris; acharam as noticias, e instrucçoens necessarias para a impressão, a V. Alteza de caminho para este seu Reino. E entendendo bem quem tinha à sua conta a agencia deste negocio, que faria acerta-
do obsequio a tam alta grandeza (como costuma ser a semelhan-
tes grandes Principes) presentarlhe por primeira fruita em Fran-
ça hum fruto de Portugal: lhe offereceram em Paris este (seis eram de Mayo de 1666.) que de nouo auia chegado de Lisboa.
Aceitoua entã V. Alteza com Real agrado, generosa benignidade, e affecto pio; com se lhe fazer presente que hia desde Lisboa pa-
ra se imprimir, dedicado a gloriosa sempre Virgem Maria, Mae de Deos, e Rainha dos Anjos. Por outra fatalidade de succes-
so os manuscriptos sem effeito tornaram para Lisboa sem irem à estampa; e chegaram breuemente, antes muito de V. Alteza; co-
mo a pedirme aluçar as do Real acolhimento, que em Paris acha-
ram; e do Real agrado, que là experimentaram, e do fauor que*

a

a esperar vinham. Eu lhes prometti de tornarem á presença de V. Alteza, & assi o fiz com outra noua dedicatoria, que no agrado, & real affabilidade de sua aceitação experimentou o mesmo, que de Paris se auia feito auiso. Esta dedicação faz agora mais confiado este terceiro offercimento da mesma obra ja tirada a luz polla estampa, nesta Cidade de Lisboa; para que Vossa Alteza a aceite da mão da gloriosa Virgem Maria, Mae de Deos, & Rainha dos Anjos, que em sua tambem estampada Imagem, com outra de seu virginal Esposo S. Ioseph, se lha entregue; para que V. Alteza em seu nome a patrocine, & honre, & com sua Real protecção a authorise. Regalia he do Monarca supremo obrar como per Ministros, & per suas causas segundas; & subordinar no Principe de todos os astros, & na luz princeza de todas as luzes; para que em sua virtude crie, & faça crescer, não somente na terra as alegres plantas, & frescas heruas; nas minas os metaes ricos, & pedras preciosas; no mar as fermosas perolas, & coraes finos: mas tambem as humildes heruinhas, toscas pedras & miudas conchas. E attendendo a esta vice-gerencia, chamaram os antigos a esse Sol, Imagem de Deos: nam somente por unico, & só, donde lhe veyo o nome; mas tambem porque trazia com seu nome suas tres propriedades; de calor, luz, & principado. E como seja justo direito imperial, que a Augusta logre os mesmos foros do Principe; venho a cuidar que nesta minha obra quiz a gloriosa Virgem Mae de Deos mostrar, que se seruia esta vez (como outras muitas,) & sempre poderia usar desta prerogatiua de vice-gerencia, em subordinar sua protecção em Vossa Alteza, como na Princeza das luzes no illustre do sangue, na coroa das Princezas, no perfeito das Reaes virtudes, no Sol de Europa: que traç em si o mystico nome da soberana Mae de Deos Maria; para poder em seu nome assistir ao patrocínio, primeiro implorado da Immaculada Rainha dos Anjos. E ja a brincada penna de ouro de Chrysologo subtilizou, que librou o Ceo no mysterio da Resureiçam o credito do sepulchro em Maria com o nome de outra Maria: & era Maria a Virgem Mae de Deos, que em casa ficaua; mas hia com seu nome a outra Maria a tratar do sepulchro. E assi vinha a ser huma Maria, & mais outra Maria:
hũa

humana Maria a que pessoal, e actualmente obrasse, e outra Maria, de quem esta, como vice-gerente sua, leuava o nome. Faustissimamente Maria he V. Alteza para se poder dignar de aceitar este patrocinio, em nome de outra Maria Mae de Deos; que se serue de ficar em sua caza com o seu menino Iesus, para que V. Alteza faça esta protecçam em seu nome com todos os attributos desse seu nome Maria, que são suas significações, e são ellas tres. Estrella do mar, ou mar engraçado. Princeza, ou principal. Senhora, ou grande, ou dominante. Estrella do mar para commun. calla boa com a graça de sua Real influencia, a esta obra no successo desta viagem, a que faz ao mar sempre procellozo para o fragil baixel, que se commette ao vario das ondas dos humanos juizos. Princeza, para emparar a quem à sua Real protecçam se acolhe: porque o primeiro, que entre os humanos logrou o titulo de Principe (Belo se chama) foi o primeiro, que deu acolhimento a quem delle em sua imagem se empara. Senhora, e grande para aceitar benigna, e beneuolamente este pequeno obsequio; não por precioso, senam por primitiuo. Porque das grandes Senhoras he estimar a primeira fructa, que produz o tempo: nam porque seja a melhor, mas porque he a primeira: e bem se ve no excessiuo preço, com que as Senhoras em França pagam as primeiras fructas, que o anno offerece. E até a Magestade diuina no tempo, em que grandiosissimas offertas se lhe faziam; se pagua mais de hum pequeno molho de primitiuas espigas em Maio, que de muitas cargas de trigo em Agosto. Sabemse outros que da fertilidade de seus engenhos offereceriam a V. Alteza mais copiosos fructos: poreo nennhum, senam eu, se jactará que fosse o primeiro, que fructo Portuguez offerecesse a V. Alteza ainda antes de chegar a este seu Reino. Assi que por todos estes respeito, e titulos deue V. Alteza servir-se de aceitar de baxo de sua Real protecçam esta obra; para que conhecida por tal fique honrada, e fique venerosa. Que he ensim de Sol sua Real grandeza que a tudo illustra, e da ser a tudo; as pequenas, e humildes plantas, e as grandes estrellas. Fonte das estrellas dixe tambem Platam, que era o Sol; do qual mana, e se diffunde o luminoso esplendor de todas ellas. E nesta esclarecida estrella, que esse Sol felizmente nos ha produzido

Lin. 231

Plat. apud Plot.

Zido; temos a primogenita indicaçam (certeza antes que esperan-
ça) de outros milhares de estrellas, que se iram succedendo, e res-
plandecendo; nam sô no Portuguez firmamento; mas em todo o or-
be, que a gloriosa empresa de sua esphera, presagiosa de uniuersal
imperio, comprehende. Do qual o Principe N. Senhor, que Deos
guarde, seja capital firme fundamento, e fundamental preciosa
pedra, segundo seu nome, para perpetuas eternidades, e felicida-
des eternas. Do Conuento de S. Francisco de Lisboa em 6. de
Agosto de 1669.

Fr. Manoel do Sepulchro.



PROLOGO.



ARA dar razão de sy, & da obra, que intentam expor à cômum censura, costumam os Authores lançar prologo; & tal vez lhes fae tão prolongado, que cuidando captar beneuolencia; grangeam enfado. Por escaparem desta importuna Scyllis, dão outros em perigosa Charibdis; apanhando-se de maneira, que affectando breuidade ficam em trevas, & não se vencem as densas com breues rayos. Por euitar húa, & outra, quero tentar outro caminho, deixando o liure para diferentes humores. Para os apressados, & menos sofridos (por não dizer discursivos) baste por prologo desta obra, esta breue satisfação. Para os menos occupados, & mais curiosos, siruam as razões abaixo apontadas. E hús, & outros, fiquem certos que o intento foi bom, a necessidade precisa, & a vtilidade grande. Finalmente a impressãõ accurada, se com o geral desconto de erros, ja por cômum, indigno de estranhêça, & merecedor de perdão por ineuitauel nas mais correctas; quanto mais nesta, a quem os accidentes do tempo fizerã quasi posthuma, pella inhabilidade de ser corector aduirtido, o que foi author estudiozo da obra.

Vale.

§. I.

Do intento da Obra

SE bastou aos antigos Gabaonitas o sagaz fingimento da representada falta do corporal mantimento na mentida dureza do pão, para grangear a beneuolencia, & ganhar a graça do pouo Israelitico, com seu General Iosue. *Panes, quos portabant, duri erant, & in frusta concisi.* Porque não baltará a real, & verdadeira representação da lastimauel falta de refeição espiritual na experimentada dureza, secura, & desabrimento da religiosa lição? *Et panes sicci facti sunt, & vetustate consumpti.* Com este argumento capto a beneuolencia daquelles, a quem chegar este liuro, que com o mesmo titulo de Refeição está conuidando ainda aos mais pechosos, & desfarczoados gostos; suppondo se não sua bondade, sua ventura; que se valeo prudente da occasião da conhecida tanto, como chorada penuria de semelhante lição: para que ja que não fiasse sua estimação do saboroso (ordinariamente arriscado, pois são tão diferentes os gostos) a grangeasse

Iof. 9 n. 5. & 12.

PROLOGO §. I.

geasse com o faminto sempre seguro, pois a fome à qualquer mantimê-
to preza, como diz Tullio: *Cibi condimentum est fames*. E melhor que Tul-
lio S. Ambrosio: *Dulciores post famem epula fiunt; quanto avidior appetentia,*
tanto esca jucundior.

Tull. 2. de fin.
Amb. de
Ela & jeiu.
cap. 9

2 Quanto seja verdade em nós outros o que na astucia daquelles foi fingimento; experimentam os Religiosos em seus refeitórios, onde cho-
ram hūs a falta da lição accōmodada; enuelhecidos, rotos, desenquader-
nados, & totalmente desbaratados os liuros, por onde se costuma ler (falo
do que entre nos passa, que noutras cōmunidades, assi como ha differen-
tes estilos de lição, auera maior cuidado nos liuros) rindo outros os erros,
& despropósitos, que dizem os pobres leitores, que por mais que proue-
jam (quanto mais de improuiso) não podem em fim verter de cabeça lin-
guagens, ou forasteiros ignotos, ou naturaes antiquados: indignandose
outros, de que não faltando entre nós Authores, os vamos buscar entre os

Hierem. orat.
n. 6.

vizinhos estrangeiros; caso semelhante ao chorado ja por Jeremias: *Ægip-
to dedimus manum, & Assyrijs, vt saturaremur pane*. E desejando todos hua
lição propria daquelle lugar, quasi corridos de que nem a pobreza com seu
estado falte entre nos a bundancia da corporal refeição; & se faça tão pou-
ca conta da Refeição espiritual. Desta penuria, & fome, que se padecia,
procedeo desejarem todos, & intentarem alguns zelosos, traduzir em vul-
gar corrente ao liuro chamado, *Vita Christi*, que compoz em latim o Dou-
tissimo, & deuotissimo Padre Ludolpho, ou Landulpho de Saxonia, da
Sagrada Ordem da Cartuxa, o qual floreceo pellos annos do Senhor 1340.
pouco depois de S. Boaventura, de quem ja tomou algūas cousas; Do
qual nossos maiores sempre vsaram nos Refeitórios na mesa do jentar; le-
uados assi da materia delle, que era a vida de Nosso Senhor Iesus Christo,
vida, & pão; ou pão da vida nosso quotidiano, & supersubstancial: como
da forma, pollas diuersas exposiçoens, varias applicaçõens dos quatro sen-
tidos, coherentes sentenças dos Santos Padres, & deuotissimas medita-
çoens sobre os passos referidos dos Euangelhos. Refeição tão proueitosa

Teres em sua
vida cap. 8.

para a alma, como a experiencia ensina, & confessa o espirito da S. Madre
Teresa, que lendo no Cartuxano hua vespera de Pentecoste os finaes dos
que em sy tem ao Espirito Santo, pollos tres estados, dos que começã,
aproueitã, & são perfeitos, os ordenou, & applicou em sy. A qual lição
vai na mesma festa do Pentecoste nesta primeira parte desta Refeição es-
piritual capitulo vltimo, lição quarta. Tudo tinha por sy o venerauel
Landulpho, o credito da vida, a authoridade do sogeito, & a bondade do
estilo. Da vida aponta bem Ioão Dadreo: *Cujus sanctitas vel ex eo maxime
deprehendi potest, quod cum ad triginta annos in Predicatorum familia castè, inte-
grè que versatus esset, seuerioris disciplina causa, ad Carthusianorum instituta con-
uolauit.* Do credito de tal Author escreue o Abbade Trithemio: *Vir in di-*

Land. 2. p.
cap. 84.
Ioan. Da r.
in prol.

Trithemio
cent.
330.

*in scripturis studiosus, & eruditus, & secularium litterarum non ignarus: ingenio mitis, eloquio dulcis, & compositus; vita quoque, & conuersatione insignis. Do estilo torna a dizer o mesmo Dadreo. Est Ludolphi stylus simplex, ab omni fastu, & verborum inani volubilitate penitus abhorrens, qualem veterum per multis, quibus de moribus excolendis, quam de sermone poliendo maior semper cura fuit, contigisse videatur. E compondo Landulpho muitos liuros, lô neste, de *Vita Christi*, estima o sobre ditto Dadreo que reluz toda sua muita sabedoria, concludindo: *Dignum esse librum, qui propter infinitos, quibus refertus est ad pietatem stimulis, de manibus nunquam deponatur.**

3 Com este espirito, & graça dignos de outros mais esclarecidos elogios, sahio a luz a traducção Castelhana per o venerauel Padre frei Ambrosio Montefinos, da Prouincia de Santiago, de mandado dos Reis Catholicos: & a Portugueza, pollo Dom Abbade de S. Paulo, de mandado dos Reis Dom Ioão segundo, & da Rainha Dona Leonor sua molher, como abaixo se dirá. Com tudo isto o venerauel Padre Landulpho não compoz a obra a este intento, nem lhe passou pollo pensamento, que hauia de seruir de tal lição seu liuro; senão lô nos particulares estudos para erudição, & para consolação das almas; como o entendeu a deuota Rainha de Inglaterra Catharina, que posta na maior tribulação de sua angustiada vida, priuada da coroa per seu legitimo marido Henrique oitauo, achou ao *Vita Christi* Cartuxano, como a peça melhor para mandar de presente a sua filha a Princesa Maria, nada menos perseguida, & deposta de seu estado. Assi veyo a ser fome sua fartura, pois estendendo sua lição em muitas partes segundo seu espirito, & intento; em outras abreuia de maneira, que em quatro palauras conclue largas materias. Donde nasceo auer muitas Domingas, quaes são as de entre Paschoas, que he força estar-se a ler o mesmo, & repizar, & remastigar o mil vezes moido com saltio, ou fome dos ouuintes: ou largallo sem proueito, & pegar doutro liuro. Deixemos a parte as incongruencias das impressoens sem ponto, virgula, nem diuisão a proposito para se ler em publico: mas ainda os mesmos liuros em si andam ja totalmente enuelhecidos, pois os mais modernos, que se acham do *Vita Christi*, são hús Portuguezes de boa traducção, & letra, que se imprimiram anno. 1495. que foi o vltimo del Rey Dom Ioão o segundo & o primeiro del Rei Dom Manoel.

4 Por estes, & por outros muitos inconuenientes pareceo escusado trabalho o da traducção do *Vita Christi*: pois se emendaua sô o idioma, & não a substancia; & se ministtau a diuersa tempera, não differente iguaria, accômodada, & desejada refeição. Era passar de húa fome para outra fome. E bem se experimentou em húa que de Castella veyo estes annos passados, feita pollo muito Reuerendo Padre Mestre frei Iuanatis Niño, Padre da Ordem, & da Prouincia de Santiago; a quem nem as

PROLOGO §. I.

4
 muitas occupaçoens, que teue de grandes officios da Religião, nêma
 muita authoridade, que elles, & suas letras lhe conciliaram; tirou, ou fez
 dedignar de que se occupasse em esta obra, que imprimio em Salamanca
 anno 1623. Traduzindoo de nouo em linado vulgar Castelhana, & orde-
 nandoo pollas Domingas ordinarias do anno, com muito trabalho de
 accômodar a letra do Cartuxano, & repartillo por ellas, tirando daqui, &
 pondo alli: creio que não tão feliz, como de stramente. E se acha no re-
 feitorio do nouo Conuento de Sam Francisco de Thomar, posto em sua
 fundação por dadiua, pollo Reuerendo Padre frei Pedro de Iesus, ou de
 Souza, que de Castella em estimação o tinha auido. Remendos saõ, que
 custam às vezes menos fazer de nouo. Esta excessiua fome fez arremessar
 o vulgo ao rude mantimento, de quem dixê Santo Ambrosio: *Rursus ad*
Dodonaas arbores plebis rustice inopia conuolauit. Valendose de huns discursos
 para as Domingas que escreueo o Doutor Vilhegas: que posto que mui
 douto, & mui virtuoso Varão; toda via não tinha practica da lição dos
 Religiosos, nem fez aquellas mais que para os Parrochos com doutrinas
 accomodadas por certo, para os seus Parochianos; porem mui alheyas dos
 Religiosos, aos quaes causam muitas vezes riso, antes que deuoção suas
 doutrinas, exemplos, & comparaçoens, nacidas em fim para gente inculta,
 & não para tão delicados gostos; como se pode ver na Dominga de Ra-
 mos, & nouros muitos lugares desta obra. Alguma cousa mais emmen-
 dou, & polio o intento deste Author, o Padre Ribadeneyra da S. Com-
 panhia de Iesus no liuro, que tirou a luz em Toledo an. 1624. mas com
 o mesmo defeito na substancia; que nem todos os accidentes a émendã.
 5 Não presumo eu, nem deuo allegar zelo em esta tão desejada em-
 presa; porque antes foi em mi huma natural instigação, tanto do berço
 da Religião, que liuremente posso accômodar a esta inclinação de inutil
 seruo, o que meu santo Iob dizia em realidade de sua heroica virtude,
 que: *Ab infantia creuit mecum miseratio.* Porque mal tinha saído das man-
 teilhas do nouiciado, quando ja repataua nesta falta. E posto em menos de
 dous annos de professo no cuidado do Refeitorio do Real Conuento de
 Sam Francisco da Cidade, polla obediencia do memorauel Padre frei Ber-
 nardino de Sena Guardiãõ entãõ daquelle Conuento, honra depois, &
 sempre de toda nossa Seraphica Religião: trabalhei com meu pouco saber,
 & fraca noticia da concordia, & conseguinte dos Euangelhos; &
 compuz, & ordenei hũa grande, & bê laurada taboa, com os indices neces-
 sarios, para que os que lessem, pudessem achar com facilidade o Euangelho
 occorrente da Dominga, ou feria, entre o disperso da seguida vida de
 Christo do Cartuxano, os liuros da qual sendo alli dos melhores da Pro-
 uincia, não tinhã ja entãõ principio nem fim, nem sei se meyo. E que fe-
 rà depois de mais de sincoenta annos? Consciencia pudera ser, quando
 na-

Amb. epist. 30

Iob. 31. n. 28.

P R O L O G O §. I.

natural não forá acodir a tanta necessidade, polla sentença do Espirito Santo pronunciada por meu Santo Iob: *Si comedi buccellam meam solus?* Solé-
nissima he neste particular a aduertencia de S. Bernardo, trattando da Re-
feiçáo espiritual, & pudera bem desta ser elogio, se ella em sua forma fo-
ra o que he em sua materia. *Isti sunt thesauri sapientia, & scientia: hac vita*
pascua preparata in refectionem animarum sanctarum. Beatus vir, qui impleuit de-
siderium suum ex ipsis. Hoc solum admonitus sit, ne solus habere velit, qua possunt
sufficere pluribus. Maiormente mostrando ja a necessidade posta em tal es-
tado de socorrerse, que tem ja mais de extrema, que de grande. E se Da-
uid se disculpou com os Sacerdotes, de desfarmado polla presteza que o
mandato do Rei lhe dera: *Præceptum enim Regis vrgebat:* disculpado fica-
ra eu quando me vissem menos bem armado para esta tamanha empresa,
pollo preceito da charidade, que Sam Paulo testemunha, que não aper-
ta menos: *Charitas urget nos.*

Iob. 31. n. 18.
Ber. ser. 32. in
Cant. in fine.

1. Reg. 21. n. 8.

2. Cor. 9. n. 14

6 Este natural, se por meu, menos virtuoso zelo fez, com que aduer-
tindo o conselho do Ecclesiastico: *Sapientiam scribe in tempore vacuitatis:*
fosse fazendo lugar a este intento pollos vagos dos continuos estudos, oc-
cupações de officios, trabalhos, infirmitades, & desgostos de minha sem-
pre cançada vida; aproueitandoos sempre per consequencia do mesmo
Sam Bernardo: *Ergo sapientie otia, negotia sunt:* indo ordenando esta ne-
cessitada Refeiçáo (maiormente depois que as obrigações scolasticas de-
ram mais lugar.) Bem sabem os que me conhecem de perto, que sem es-
trondo, & ainda sem noticia do trabalho, que emprendia; como humil-
de, se menos proueitosa Abelha laurando, em secreto, o que como reco-
nhecido de insufficiente me pejaua de trabalhar em publico; desconfian-
do naturalmente de ser do numero daquelles poucos, de quem sô he o
officio de compor liuros: *Omnes sibi assumunt scribendi officium, quod paucorum*
est: dixeo Petrarcha. E já que Deos quiz que chegasse a sahir a publico,
vencêdo a constancia os fataes accidentes de Penu, & a paciencia os tardos
passos de Lucina, firua esta publica cõfissão de desculpa para cõ muitos, & mui
obligatorios amigos de não lhes ter dado conta, & feito copia deste tra-
balho desde logo. Não foi assi (confesso) presunção de bastar eu só a
elle; se não natural, genio, não affectação: que tal vez parecem soberbos os
retirados, & presumidos os recolhidos, Basta que assi o diga a seu amigo
Ogerio Sam Bernardo, disculpando semelhante, se differentemente virtu-
oso encolhimento.

Eccli. 38. n. 25

Ber. ser. 85. in
Cant.

Petrarch.
dialog. 64.

Ber. epist. 87.
ad fin.

7 Mas como cada hum viue do mantimento, com que se criou, & o
estamago feito a certo genero de manjar, tem o gosto mais que per
eleiçáo, per costume; & nossos maiores nos puseram em o de ouuir as li-
çoens do *Vita Christi* assi desabridas, & mal guizadas, como ja neste té-
po andauam; trabalhei (quanto possivel foi) imitallo, assi em sua materia,

6

PROLOGO §. I.

como em sua forma, & accidentes; para que se não estranhasse a novidade, que nem a todos contenta; menos aos Religiosos, que são de ordinario mais affixos a aquillo, com que os criaram. Na materia, porque vem a ser a mesma da vida de Christo; senão seguida; toda via ordenada, & disposta para as Domingas, & solennidades do anno, conforme aos Euangelhos, que nos taes dias canta a Egreja, premitindo no principio a homilia do Padre, que se reza sobre o mesmo Euágelho no dia, e que a ha, & onde he costume de recitar-se, que em algúas Prouincias acordadamente se escusa. Isto mesmo he o que se vsaua com muito trabalho de buscar-se; & agora nesta Refeição sem outro mais, que o de saber governar hum Breuiario no officio do Tempo. Na forma tambem, porque trattei de reuoluer diuersos Authores, & Expositores, de postillar o texto, assentar, & concordar o litteral delle; accómodar os quatro sentidos; tecer, & encadear as sentenças dos Padres; levantar as meditações, que elles ensinam, ja que meu espirito era tão fraco como frio. Se não que como desde Landulpho a esta parte, que correm mais de 300. annos, creceram os Expositores, se canonizaram Doutores, & outros foram de nouo ganhando authoridade de Padres; & em fim o estudo, & o tempo foi descobrindo mais exposições, que applicar; mais Authores, que allegar; & mais novidades que inxerir: ficou aquella antiga forma mais illustrada, & elegante.

8 Finalmente nos accidentes (que he o mais difficultoso) cuido que não succedeo infelizmente, porque o estilo da traducção assi Castelhana, como Portugueza, fundada na raiz Latina; pareceme que se não estranhará muito em estes escritos; accómodando o proprio genio com o costume de ouir, & cuidado de tratar, & afeiçoarse a elle, em mais de 50. annos continuos. Bem sei que he a risco de os idiotas (por não dizer necios) julgarem, & estimarem, que meu trabalho não foi mais que trasladar o Cartuxano, & pollo em Portuguez corrente; & este vira à ser o juizo vulgar porque: *Stultorum infinitus est numerus*: Mas appello para os sabios, & melhor aduertidos, que emendem tão inferior, & deterior sentença; considerando o estudo tão differente, que foi necessario de liuros, que o Cartuxano não vio, nem allegou, ainda dos que o precederam em tempo, quanto mais os que depois delle em 300. annos escreueram: tantas novas meditações, conceitos, paraphrasis, moralidades, & outras applicações dos sentidos da Escrittura. E aduertindo bem o que do trabalho de quem de nouo dicta, & compoem, descreue a elegancia da pena de S. Bernardo. *Quantus tumultus est in mente dictantium; vbi multitudo perstrepat dictionum, vbi orationum varietas, & diuersitas sensuum concurrunt vbi sepe respicitur, quod occurrit, & requiritur, quod excidit! vbi quid pulchrius, secundum litteram, quid consequentius iuxta sententiam, quid planius propter intel-*

Eccle. 1. 16.

Ber. epist. 29.

X

omos

ii s

li-

ligentiam, quid vtilius ad conscientiam, quid denique cui, vel post anteponatur intentissimè attenditur: multaque alia, quæ à doctis in hujusmodi curiosius observantur. E posto que Cayo Lucillio (referio Marco Tullio) dizia que não queria que suas obras fossem lidas, nem dos muito idiotas, nem dos muito sabios; porque os muito idiotas não entendem o que he necessario, & os muito sabios entendem mais do necessario: eu estou doutro parecer, por ter para quem apellar da sentença dos ignorantes; sendo caso forçado estar foyeito a ella; por ser diuida registada em Sam Paulo: *Sapientibus, & insipientibus debitor sum.* E para a Refeição publica manda o grande pae de familias assentar na mesa pobres, fracas, cegos, & mancos: & a mesa onde tanto disto ha, pobres, fracas, cegas, & mancas sentenças, he força que se pronunciem. Se bem como a materia he religiosa, & espiritual, sempre se acharão os mais, a quem o cheiro do bem recree, por mais que perfeitamente o não alcancem.

Tull. 2. de orat.

Rom. 1. n. 54.

Luc. 14. n. 11.

9 Nem me pareceo inxerir passos, & casos das Chronicas se não muito raramente; porque estes tem seu lugar, na particular ligação que delles entre nos se vya. E mais quando hoje logra felizmente a Prouincia sua Historia Seraphica com tão elegante estilo escrita. E porque nada fique por advertir, & inculcar, acharão neste liuro os Pregadores muitos, & bem fundados lugares de muita vtilidade para seu ministerio; & posto que não vejam as authoridades dos Padres em Latim, podem achallas facilmente pollas allegaçoes das margens, como tambem as da Escrittura. E no que toca as dos Euangelhos, citada a Catena mais que auea de S. Thomas, para que em hũ sò liuro achem infinidade dellas. De tudo o qual se pode ver a necessidade, vtilidade, & intento da obra. Este foi todo meu empenho, este todo o cuidado. O juizo dos outros será o que o Cardeal Baronio refere de Santo Ambrosio, que sendo qual era, desconfiado de sua pena, escriuia a Sabino seu amigo, mas seu Censor. *Vnum quemque fallunt sua scripta, & Authorem prætereunt; atque vt filij etiam deformes delectant, sic etiam scriptorem indecores sermones sui palpant.* E assi não he muito confessar com santo Agostinho, a Marcellino (a quem refere, & applica o mesmo Baronio) *Iudices meos vereor.* Não faltará Zoilos, Cinicos, Momos, Arcinos, & Bernias. Reprenderão huns o assumpto por humilde, estimando que deuia antes empregar-me no Especulatiuo, & não mal lograr o bem nacido pensamento de escrever sobre os Quodlibetos de Scoto. Outros que me occupasse antes no Moral; se bem nos principiaados Quodlibetos podia dar satisfação a tudo junto. *Nunc autem alij insipientem me ridebunt, alij subsanabunt idiotam, alij præsumptori indignabuntur:* diz Sam Bernardo. Mas responderá por mi, quando por sy o Doutrissimo Padre, & sempre respeitado, & prezado Mestre meu, frei Manoel da Esperança no assumpto, que a tanto custo seu, tomou de escrever em vulgar Por-

Bar in Mart. tyril. 11. Decemb. lit G, Amb. epist. 63 ad Sabi.

Aug. epist. 75.

Ber. epist. 87. ubi supra.

8

PROLOGO §. I.

tugues a Chronica desta santa Prouincia de Portugal; obra per todas as circunstancias tão necessaria como vtil; & tão estimada como desejada, esperdiçando nella (digamolo assi para falar pella boca de muitos) o mais luzido fogeito para o Especulatiuo, & o mais prestimozo para o Moral, & o mais cabal para qualquer grande empreza de letras. E ainda o seu assumpto pello credito dos acertos de seu Author se faz per si mesmo manifesto em as duas Partes de sua Historia Seraphica, que ja tem tirado a luz com vniuerso applauso. Mas esta minha obra nasce de si mesmo occulta, & humilde; se a curiosidade do predicatiuo a não subir aos pulpitos. E não faltará quẽ diga o que a Christo os seus: *Transi hinc, & vade in Iudæam, vt Discipuli tui videant opera tua; nemo enim in occulto quid facit: si hæc facis, manifesta te ipsum mundo.*

Iuan. 7^m 4.

io Vence é os fogeitos religiosos o zelo, à conueniencia, & ainda ao proprio genio, & criação; como nos desejosos de gloria, & honra ao interesse. E qual he o espirito do fogeito, resplandece (diz Salamaõ) na occupação de seus estudos. Nem a sabedoria ja mais quiz sahir com algum parto, que não achasse Dragoens com bocas abertas, que vomitasssem rios de calumnias: final grande admirado do Apostolo Prophe-
ta, mas: *Adiuuit terra mulierem.* E a mesma humildade, & reconhecimento da insufficiencia propria, & respeito á utilidade alheya, ajuda a felicidade do parto, & pondoo nas nuuês a posteridade, que (como diz Tacito) *suum cuique decus rependit*: com as duas azas, que ao Author do parto se daõ, zelo, & estudo, se poem em saluo em lugar aparelhado por Deos, onde recebe Refeição incorruptiuel, em paga da Refeição trabalhada: *Vt ibi pascant eam diebus mille.* E dalli como ja segura, & perpetuizada, zombarà daqueles, que mais murmuram, & menos se contentam, que são aquelles, de quẽ escreue Sam Ieronimo: *nil tam facile, quam aliorum, & dormientem de aliorum laboribus, & vigilijs disputare.* E de quem diz o Sabio: *Quorum non est memoria, perierunt quasi non fuerint.* Que gastaram o tempo da vida, ou em torpe ocio, ou em prejudicial inquietação; que são as duas castas de gente que Sam Gregorio estima incapaz para escreuer, & deixar de si honroso nome entre publicas utilidades, ociosos, ou inquietos..

Proverb. 19.
n. 11. §. 12.
q. 8.

Apost. 12 n 4.

Tacit. 4.
Annal.

Eccli. 44. n. 9

Greg. 6. Mor
26 in Job 5.

ii A necessidade da obra proua a experiencia, a bondade do intento protesta a verdade, o acerto do successo porà a ventura, que pode ao bom intento levantar Tropheo contra a ociosidade, & em todo o successo desta empreza, segurar com o mesmo acometimento della, o Triumpho, leuando por Pyra o mesmo alento, como do espirito de Eleazaro dixee melhor Santo Ambrosio: *Suo est sepultus triumpho*: fazendo sepulchro do mesmo triumpho da ociosidade, & socordia, que a tantos serue de ignominiosa campa, em que sepultam o bom talento, que

i. Mach. cap. 6
n. 1 offic.
ca. 9.

que Deos lhe deu: que o atallo em o lenço do Euangelho: *ligauit eum in sudario*: amortalhallo foi: & o que se amortalha, se enterra. Não faço presagios, pretendo cautelas, & obsequio da Prouincia, a quem só intentei feruir, & aproueitar, em pago da criação, & honra, que como boa mai me fez desde os defateis annos, sette mezes, & vintequatro dias de minha idade, que tantos somente tinha quando no Coro do Real Conuento de S. Francisco da Cidade, recebi indignissimamente o habito de mão do cômum Mestre frei Andre de Guimareans Guardiaõ entaõ d'elle per mandado do Religiosissimo Padre frei Ambrosio de Iesus Ministro Prouincial, em defateis de Janeiro de 1613. De baixo da disciplina do venerauel varaõ frei Antonio de Christo, cuja santa vida se pode ler na Chronica que compos o referido Padre Mestre Esperança, no trattado do Conuento de Alenquer, ditolo berço de sua profissão, & tumulo de seu corpo. O que tudo seja para gloria do Altissimo Deos Amen.

Hyst. Ser. lib. 1. cap. 27. §. 9.

§. II.

Do Methodo.

I Vlgou o Apostolo Sam Paulo, que não era credito do espirito Christaõ, nem Religioso, o methodo composto, & affectado cõ ostentatiuos, & pomposos ornatos da humana sabidoria. *Non in sublimitate sermonis, aut sapientia; non in persuasibilibus humana sapientia uerbis, ut fides uestra non sit in sapientia hominum, sed in uirtute Dei.* E a razaõ de fugir semelhantes methodos o espirito, aponta bem Santo Ambrosio cõmentando o mesmo lugar, porque: *Ostendit non se, ut hominum fauorem acquireret, humanae sapiẽti placuisse, neque uerborũ arti studuisse; non ornatu traditionis humanae acceptabilem uoluit esse uerborum strepitu.* O que explica o grande Bispo Alberstatense Haymo: *Non culto sermone predicauit uobis Christũ.* Nem ha duuida que o affectado, ou enfeitado da palaura diuina, traga comsigo a nota de querer mais cossar orelhas, que aballar coraçõens; grangear o fumo da graça humana, que accender as almas em fogo diuino. Contra o contelho do mais brincado Pregador: *Verborum flosculos non queramus; qui maturitatis fructum querit, despicit amena camporum: viola, rosa, liliũ, narcissus, grati flores; sed gratior panis; quod est odor naribus, hoc est auribus sermonis ornatus; quod dat panis uita, hoc scientia dat saluti.* Deponẽda est ergo eloquẽtia voluptas, quãdo sciẽtia deposcitur fortitudo. Pura si, natural, propria, & clara, deue ser a palaura diuina, como o Propheta o encõmenda. *Eloquia Domini eloquia casta, argentum igne examinatum, probatũ terra, purgatum septuplum.* E pollo que tem de refeizaõ, & manjar do es-

1. Cor. 2. n. 5.

Amb. ibid.

Haym. ibid.

Chrysol. ser. 8.

Pf. 7.

J

10 **P R O L O G O. §. I I**

pirito, tempera deue ter, limpeza, & fabor. Isto he o ser casta, o ser escolhida como prata, prouada, & corrente na terra; hũa, & sete vezes purgada. Por tanto sendo força per razão do declarado intento, ser este escrito em vulgar Portuguez; & porque de sentença de ouro do mesmo Chryfologo: *Communio compellanda est sermone communi, omnibus necessaria dicenda sunt more omnium; naturalis lingua est chara simplicibus, doctis dulcis:* Puz todo o meu estudo em o fazer claro, puro, natural, & proprio.

2 Porque ainda que bem respondeo Demosthenes a Eschino, que o tachaua de dizer quando oraua, algũas palauras não Atticas, mas portentos, & monstros da lingua, que não consistia na linguagem a felicidade da Grecia: todavia não se ha de negar que a tempera de qualquer manjar ha de buscar fabor, & pretender limpeza; pois nem ao desabrido, nem a o immundo sofre o mais rustico: & o prato em que se come, posto que tenha mais de rude, que de polido; ninguem o querera mal lauado, ou descomposto; como nem o vestido por mais chaõ que se queira; roto, ou desusado. Por isso trabalhei de euitar vocabulos patrios antiquados, & estrangeiros intrusos; porque todo o extremo he vicioso. Preceito he de Aulo Gellio. *Tanquam scopum, sic fugiamus inauditum, & insolitum uerbum.* E tanto reprendeo Cicero a Sergio Galba, porque misturaua em suas oraçoens palauras antigas; como a Ennio, porque desprezaua as de seus antecessores. E por mais vicioso tenho ao affectado, que ao estremofo. Nem ser puro, & claro o falar, & o escreuer (que correm a mesma fortuna) consiste mais que em hũa uiua expressão dos conceitos da alma; & como não he natural, como o pensamento, discusso, & outras operaçoens humanas; mas instituto auindo, & acordado entre tal, ou tal gente; aquella será pura, & clara practica, que os homens mais cortesaõs, & praticos da Corte, & Vniuersidades costumare, & usarem; tachando a huns, & tendo por correntes a outros termos; reprovando sempre a todo o affectado, & escolhendo o natural, & simplez. Condição, que Plinio na refeição aponta: *Cibus simplex utilissimus.* Simplez se chama o que carece de compostos, & artificio; aquelle artificio, de quem sentia Seneca. *Cujuscumque uideris orationem sollicitam, scias animum quoque non minus esse pusillis occupatum.* Como a moeda ha de ser a practica; que importará ter boa apparencia, se não tiuer valor a moeda, & se não correr na terra? *Probata moneta,* era o preço, que homem de tanta verdade deu aos Etheos; corrente entre elles: *moneta mercatorum,* diz a verdade hebraica. Se entre os mercadores não corre, não he moeda, he hũ pedaço de prata, ou metal, & a palaura quenaõ corre, he hũ retalho de syllabas.

3 Os antigos de hũa lingua se haõ de venerar como caãs entréuadas; não usar como correntes, se não sõs os vocabulos costumados en-

PROLOGO §. II.

tre os presentes; porque como diz Platao: *Lingua magister est populus.* E Gellio: *Vtere moribus praeteritis, & vtere verbis praesentibus.* O Portuguez do *Vita Christi*, que se imprimio no anno 1495. (que foi o ultimo del Rei Dom Ioão Segundo) era mui puro, corrente, & claro, como se pode entender dos logeitos que o traduziram à instancia, & mandado de tamanhos Principes; & o deram à impressão, em que o meteo hū frei Andre Frade de Sam Francisco de Lisboa, pessoa que deuia ser entã de muita conta, & asseado estilo, como parece em hū prologo, que faz à Rainha Dona Leonor. E no fim da primeira parte se diz, que foi traduzido em Portuguez pollo Dom Abbade do Mosteiro de Sam Paulo, por mandado da Princeza Dona Isabel Duqueza de Coimbra, & Senhora de Montemôr; & foi reuisto pollos Reuerendos Padres da Ordem de Sam Francisco de Enxobregas d obseruancia, & impresso por mandado del Rei Dom Ioão Segundo, & da Rainha Dona Leonor em Lisboa 14. de Agosto de 1495. Assi se diz alli formalmente. E bem se deixa ver, que obra taõ authorizada, naõ deixaria de ser a melhor, que entã se pudesse fazer. Sem embargo do qual, parece hoje barbara, & he taõ difficultosa de verter em o corrente, que se daõ em o ler mil erros ridiculos. E naõ ha duuida que daquelles tempos para cá, houue na lingua Portugueza notauel variaçã, por se seguir o glorioso reinado, ou (para melhor dizer) se fundar o nouo imperio (como diz o Poeta) do felicissimo Rey Dom Manoel, cuja Corte, alem de ser a de mais policia de nossos Reis, foi frequentadissima de todas as naçoens, das quaes com a mistura de idiomas, & com os polidos logeitos, que dalli por diante se começaram a criar; sahio a nessa lingua mais elegante, & suaue. Caso que com a sua Toscana aconteceu aos Italianos, polla entrada de diferentes naçoens em Italia.

4 E naõ ha duuida, que maior mudança fez a lingua Portugueza nos primeiros vinte annos do reinado de Dom Manoel, que em cento & sincoenta annos dahi para cá: como o vemos pollos escritos, em verso, & prosa, de hús, & outros tempos. O mesmo aconteciã noutros seculos aos que neste cuidam, que escreuem mais atilados; porque he fortuna, que corre toda a lingua vulgar, por quanto depende do mero vto, & naõ de regras fixas, como as vniuersaes Latina, Grega, Hebraica &c. E com esta atençaõ da propriedade da lingua materna, fui fugindo vocabulos estrangeiros intrusos, como (harto, rodilha, quiçã) & outros introduzidos per Sciolos, & Neophilos (amigos de novidades.) Disculpa tinham os annos passados; hoje menos, antes culpa de andar mendigando vocabulos estrangeiros a húa lingua taõ rica, & abundante dos naturaes; em taõ luzida Corte, & famosas vniuersidades, como procam melhor suas insignes poeias, no galharco, & engraçado das

PROLOGO §. II.

quaes descobre melhor seus quilates qualquer lingua. Naõ nego, nem deixarei de vsar termos que nossos antigos de sessenta annos a esta parte vsaram, como (ninherias) tomando do Castelhana, ardimento, do Italiano; injocundo, inintelliguel, & outros maiormente negatiuos, tomados do Latino; porque o vso, ou a necessidade os farà bem recebi los: mas hauendoos na propriedade Portugueza elegantemente expressiuos do que se quer dizer, vicio seria mendigallos, & especie de traição à patria lingua, querer desterrar seus idiotismos no pronunciar, & escrever castelhanando, & latinizando supersticiosamente; como se naõ fora justissima cousa que houesse lusitanismos, como ha latinismos, hebraismos, espanholismos, & italianismos. &c.

5 Cada lingua tem seus misterios, como suas propriedades; & saõ suas propriedades seus misterios; & naõ se haõ de deixar estas por mais que aos Sciolos pareça que se apartam da raiz Latina: como se naõ fora bom Castelhana, Pablo, porque no latim he Paulo; nem bom Italiano, fiore, porque no Latim he flore: assi nem bom Portuguez, gosto, porque no latim he gustus; Agoito, & Agostinho, porque no latim he Augustus. E destes taes supersticiosos pedantes, & presumidos Neophilos, vieram, & vem muitos a dar em Cultos sem se sentirem: praga, que o tempo mandou sobre as linguas, principalmente Castelhana, & Portugueza, nem entre as do Egypto foi menor a dos tres dias de treuas, & escuridade, que os Cultos com tanto estudo affectam. E se os Rabinos dizem, que todas as mais foram para castigar estrangeiros, mas as das treuas para matar naturaes Israelitas: tambem isto de Culto, he praga que mata gente, & extingue naturaes termos em os tres dias da ignorancia, vaidade, & affectação. Naõ aduertem como defallumidos os taes, que naõ podem julgar por sezudo, ao que sem causa deixa a estrada real, por se ir bulcar rodeos, & diuerticulos de circumloquios, & paraphrasis, com que se matta a si, & aos outros; porfiar, & cantar mal pollo tom alheyo, como se fora herança forçada a felicidade dos espiritos, a quem o Ceo concedeo singular, & naõ cõmum genio, para cantar versos, ou orar em prosa; fazendo das oraçoens semiuersos, & das poesias peruersidades inteiras. E o peor de tudo he o pretender fazeremse conhecidos por escuros, fazendo do escuro singularidade; mas ouçam a Quintiliano: *Obeuritas fit in verbis ab vsu remotis, vt non intelligantur; hinc enim aliqui famam eruditionis affectant, vt quidam soli scire videantur*: Satyrico como galante foi o dystico: *Quid iuuat obscuris inuoluere verba latebris. Ne pateant animi sensa. Tacere potes.* Honra he o aspirar a qualquer maior perfeição, & gentileza o imitar Oradores, & Poetas, & aos grandes homens em seus escritos, & falas; mas em Athenas zombauam muito dos que pretendiam falar mais Atheniense do que

Exod. 10.
Rabini
apud Lyr ibid

Quintil. lib. 8
inst. cap. 1.



que conuinha ao que doutra nação da mesma Grecia fosse.

6 Por estes, & por outros inconuenientes, alcançados com aduertência em tantos annos; fiz muito por fugir de todo o singular, affectado, & seguir o corrente, puro, & proprio da lingua Portugueza assi, & da maneira que entre os homens sezudos, cortezaõs, pregadores, & praticos se tratta; compondo esta Refeição pollo intento, & causas referidas, seguindo a sentença de Quintiliano: *Consuetudinem verborum vocabo id. lib. 1. consensum eruditorum.* Nem é as obras seriosas, quanto mais nas religiosas, & de espirito (qual esta) he licito vsar termos exquisitos, & periodos compostos. Doutrina de Platam: *Euitanda est curiositas verborum*: felizmente praticada por S. Boaventura em os diuersos estilos, de que vsa em diuersas materias; grandiloquo na historia; logo humilde nas meditações, corrente no especulatiuo, & familiar nas moralidades, & doutrinas. O mesmo se ve em S. Gregorio, & outros famosos Escrittores sagrados, porque deixemos os profanos. Ouçase o mesmo rio de eloquencia S. Ambrosio sobre hauer de ser, Prelepe, ou Presepium. *Nihil enim apud me distat in verbo, quod non distat in sensu. Nam si Orator illorum, qui phaleras sermonum sequuntur, negat in hoc fortunatas positas esse Graciae, hoc, an illo verbo vsus sit, sed rem spectandam putat: si illi Philosophi eorum, qui totos dies in disputatione consumunt, minus latinis, & receptis vsi sermonibus sunt, ut proprijs vterentur; quanto magis nos negligere verba debemus, spectare mysteria, quibus vincit sermonis utilitas, quod operum miracula diuinorum nullis venustate sermonibus veritatis suae lumine fulserunt.*

7 De intento abbreuiei periodos, accõmodandõos, naõ à eloquencia, ou elegancia delles; se naõ aos pontos, & clausulas. Principalmente dos exordios, que nos refeitorios se vsam para facilidade, entoação, & expedição da mesa. Nem me quiz meter em multiplicar Euangelhos de ferias, que chamam forçadas, como nos antigos indices do *Vita Christi* andauam apontados; porque era antes abocanhellos, que tratar coufa de proueito, pois em hũa, ou outra lição se pode dizir pouco mais de nada, & pollas materias do tempo se vai tecendo, & entremetendo o necessario para se saberem. Finalmente reparti cada capitulo em tantas liçoens quantos saõ os dias, que pode hauer na semana lição deste liuro, dando sinco liçoens de ordinario a cada hũa das semanas, por quanto as sextas feiras, & sabbados se costuma entre nos ler a regra, & o Testamento de nosso Padre S. Francisco. Em tudo isto pretendi clareza, & accomodar o estilo com a materia: declaração necessaria para se naõ julgar hũ genio por hũ so trattato, mas o zelo, & desejo da utilidade publica; que para noticia & exame do natural, se pode recorrer a muitos tratados meus em prosa, & verso latinos, & vulgares em diuersas linguas, que o tempo poderà tirar a luz. Porem naõ he a peça,

P R O L O G O §. II. & III.

com que pretendo jugar, que não tratto de comprar, nem vender fumo *immortalem testor Deum*: mas somente grangear com os irmãos o credito de bom irmão, & com a Religião o de filho zeloso, & principalmente com Deos, algú pouco merecimento de inutil seruo: ao qual Senhor seja a gloria de tudo, para sempre. Amen.

§. III.

Do Titulo.

AS mais vezes he bem afortunado auspicio do bom successo de húa empresa, a declaração da vontade diuina, que se configura o intento, o acharse com facilidade no principio o que para ella conuem. Assi o deu a entender Iacob no mysterioso engano (como lhe chama S. Agostinho) que fez ao velho pae Isaac quando lhe dixe: *Voluntas Dei fuit, vt cito occureret mihi, quod volebam*. O titulo de hum liuro he a cabeça, & principio delle; & custa às vezes muitas mãs noites o achallo a proposito, & tal vez se vem a parir hū despropósito de titulo. Mas o titulo deste liuro foi tam facil de encontrar, & taõ achado à flor da materia delle o de Refeição espiritual, que maior trabalho fora buscar outro, & dar razão de se deixar este, que achallo, & dallo a lograr, E até do lugar desdixera qualquer outro titulo, pois Refectorio se chama, & do verbo (*reficio*) o deriuaram os antigos Padres, & Patriarchas das Religioens, que sempre o vsaram. Porque como o homem seja húa substancia meya entre os puros espiritos, & os brutos animaes, he força em razão de Hierarchia, que participe de húa, & de outra substancia espiritual, & corporal. E assi como a corporal he de tal qualidade creada, que depende do alimento, & refeição pollo que tem de viuente, em o qual grao até com as plantas communica; assi per húa certa analogia, no espiritual depende de seu alimento, & refeição; de que viuua, pois he o espirito perfeitissimo viuente. O que em húa sô palavra conclui hio Agostinho: *Anima cibo suo alitur, sicut corpus ex terra*.

Em genuina consideração desta Filosofia, dixe o Hebreo Philo, que o homem pollo grao de viuente era húa celestial juntamente, & terrena planta, cujas raizes estauam no Ceo, à differença dos brutos, que as tem na terra. E porque não parasse em mera alegoria o discurso, ponderou bem a differença (que quasi no mesmo tempo ponderaua Ouidio) que a todos os outros animaes creara o Author soberano com a cabeça para a terra, sô ao homem com a cabeça, & rostro para o Ceo. *Ceterorum in terra defixit capita; omnes enim humi caput habent; soli homini sublime dedit, vt alimenta caelitus incorruptibilia quærat*. Não podia mais

cla-

Gen. xi n. 10.
Aug. cont.
mend. cap. 10

Aug. lib. i. de
serm. Dom. in
monte. cap. x.

Ouid. Meth. x.

quod-
r. pot. in-



claro insinuar o titulo de Refeição espiritual no alimento da alma) *non terrena ista corruptioni obnoxia*, prosegue o Rabbino. E he o que de Santo Agostinho deixamos escrito: *inde (hoc est é caelo) cibo suo alitur, sicut corpus ex terra*. Mais claro que tudo no grande Chrysostomo, porque nos for-

Chrysof. hom.
2. in Ioan. 3.
contra judaos

remos de tantos latins. Lançam as Andorinhas o mantimento de sua boca, na boca dos filhos; porem o nosso não he assi, mas da boca o lançamos às orelhas; porque aquelles seus manjares param em corrupção, os nossos em incorrupção; os seus engordam o corpo, os nossos a alma. E que mutio que sustente homens a sagrada lição, se regalava Anjos? que muito seja Refeição espiritual de humanos, se he Refeição de espiritos Angelicos? E lease a Origenes, que depois de discorrer largo sobre este ponto, o remata dizendo: *Iste virtutes reficiuntur ex auditu sanctae Scripturae, velut diuinis, & rationabilibus cibis*.

3 Segue-se logo bem do discurso quea doutrina, & lição dos sagrados liuros he a Refeição espiritual, de que a alma viue, & que não deue cuidar o homem que viue somente do material pão, mas da palavra, que procede da boca diuina: pois he homem, & diz hũa, & outra substancia. Que por isto o Senhor exprimio o termo do homem. *Viuit homo*: eleganteméte o discorre assi a eloquencia Ambrosia. Não viue o homem tô do pão, mas da palavra de Deos, em a qual consistem os celestiaes alimentos; & assi todo o que antido he com a palavra de Christo, não se cança muito com o palto da terra; porque mal poderá appetecer o pão do mundo o que goza da Refeição do Salvador. Seu pão té o Senhor, do qual diz o Propheta: *Esforce o pão ao coração do homem*. Não faz caso da fome do corpo (prosegue mais abaixo) o que se occupa com os manjares da lição, nem poderá ter cuidado do ventre, o que grangea o alimento da palavra celestial, porque ella he a Refeição da alma (*Ipsa est refectio, quae saginat animam*) que regala as entranhas, quando das diuinas Escrituras recebemos da eterna palavra o alimento. Este he o manjar que dà vida eterna, & as ciladas da diabolica tentação de nós aparta. O Senhor testemunha que são vida suas palavras, espirito, & vida são. Assi conclue hũ sermaõ o diuino Ambrosio. E não ha duvida que he elle para hũa desconfolada vida, bem saudavel Refeição, & bem necessaria epítima para os apertos do coração em tempo, em que com o perseguido, & desconfolado Pontifice Siluerio se pode bé dizer o

Matth. 4. n. 4.

Amb. ser. 35.

Ref. 1. p. cap.
19. n. 24.

Ps. 130. n. 35.

Ioan. 6. n. 64.

Leg. S. Silus.
17.

4 Bem confirma tudo isto a confiança, que o Rei Propheta ostentava em aquelle Psalmo, praça de seus alentos. *Dominus regit me, pascit me, lem outros, & nihil mihi deerit, in loco pascuae ibi me collocavit, super aquas refectiois, &c.* Tal a confiança, qual a refeição, não de corporaes virtua-

Ps. 22. n.

lhas



Isid. de sum.
ton. lib. 1. cap.
78. sent. 2.

Ps. 62. n. 6.

Greg. hom. 10
Amos. 8. n. 11

Chrystost. hom.
54. in Gen.

Amb. ser. 1.

Tho. de Kem.
ex. rc. spirit.
c. 6.

t. cap. 2.
sil. n.

lhas de espirital Refeição, que sem pejar lugar ministra montes ferti-
lissimos de pasto, ou Refeição aos montes, & comer a pasto; que tudo
vem a dizer em seu encarecimento Santo Isidoro: *Sacrarum litterarum al-
titude quasi montes pascuae sunt, ad quos dum quisque justorum conscenderit, pas-
cuae indeficientis refectioem inuenisse gaudebit* E para viuer alegre em seu Rei-
no, procuraua o mesmo Rei, não manjares regalados do corpo; antes
dandose como por injuriado que sobejassem estes, & não tratassem da
espiritual Refeição dizia: *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea,
& labijs exultationis laudabit os meum.* Que lastima he ver espiritos tão
magros em tão gordos corpos; almas tão famintas em corpos tão far-
tos: tão descompostos, & desgouernados os liuros em tão compostas,
& assedadas mesas: tão mal providas, & concertadas as liçoens; em tão
prouidos, & concertados Refeitórios. Castigo ter da Religião Christã
chora com estas palauras S. Gregorio. A elcrittura sagrada comida he,
& bebida; por onde o Propheta ameaça dizendo: Mandarei à terra fo-
me, não de pão, &c. mas da palaura de Deos. E ainda que bem he ver-
dade que esta fome se entende propriamente da doutrina da fe; com tu-
do quem diz que vai tão mal com a falta da legitima palaura diuina,
bem quer tambem dizer que as palauras diuinas são nossa Refeição. E
S. Ioão Chrystostomo sobre o mesmo lugar de Amos diz que esta fome
emmagrece o corpo, mas aquella attenua a alma.

5 Donde com muita razão reprehendeo S. Ambrosio em os seus o
pouco cuidado, que tinham da palaura de Deos, sobejandolhes tanto
o do jentar de cada dia, lho lança em rosto. *Nam quomodo se excusare po-
test, qui prandium cibi preparans, prandium caeleste contemnit?* Por fugir tão
vergonhosa reprehensão os que se presauam de grandes, & Christãos
espiritos tiueram por costume sempre santissimo, fundado na inuiola-
uel, & nunca interpolada carreira dos tempos; não dar ja mais Refeição
ao corpo necessaria, que não dessem a deuida a alma. Assi se le de S. Ago-
stinho, Santo Thomas Cantuariense, & de outros muitos Santos, & gran-
des Prelados da Egreja, que não comiam sem lição, ou disputa de cou-
sas sagradas: & hoje vemos obseruar religiosamente nos tinellos dos
Pontifices, & outros Prelados Ecclesiasticos, & nos Refeitórios dos
Religiosos foi santissima, & acertadissimamente instituido, que não se
coma sem lição. E quando maior vtilidade não houuera da espirital Re-
feição, bastara a de cuitar a descomposição, de que entre outros graue-
mente Thomas de Kempis. *ibi (in Refectorio) cum debita mensura, & ma-
iori disciplina necessitas sumitur natura, & superflua refecantur: ibi susurria
nullatenus audiuntur, sed verbum Dei in silentio pertractatur.* E em as geraes
constituiçãoens de Nossa Ordem Serafica se manda com graues penas
ao prelado local, que nunca se deixe a lição da mesa, ainda que seja Pas-
coa

choa, & Festas principaes. E que lei pode ser mais justa, & santa, que tratar da quotidiana Refeição da alma, quem não deixa o cuidado do quotidiano mantimento do corpo? *Sit ergo nobis quotidiana lectio pro exercitio*: diz S. Ambrosio, para quotidiana Refeição muito importara que fora muito defenfastiada, & deliciosa para o gosto; mui substancial, & solida para a nutrição, & mui efficaz, & salubre para a medicina. Partes que S. Bernardo em a Refeição espiritual requeria: *Qua triplici quadam emineat gratia, deliciosa ad saporem, solida ad nutrimentum, efficax ad medicinam.*

Amb. in psal. 118 ser. 12.

Ber. ser. 67. in Cant.

6 Mas a culpa de não sair esta tão cabal em todas as tres condições, tem os fogeitos da Religião, que não se escusando deste trabalho, que com mais gracioso estilo, mais substancial facundia, & com mais espiritual doutrina, puderam atalhar a necessidade de vir eu a ser quem acodisse com esse fabor, substancia, & espirito (qual o Senhor me deu) que a todos não dà igualmente seus talentos, se não a hús finco, a outros dous, & a outros hús: mas somente condena a priguiça de quem o esconde, & premia com o mesmo gabo o cuidado de quem grangea com fôs dous, que de quem negocea com os finco. E se para Refeição de Anjos disfarçados, & espiritos de caminho, bastou que a pressa, & aperto da occasião fiz-se aualiar por obra heroica em o charitatiuo cuidado de Abraham ordenar pão subcinericio: *Fac subcinericios panes*: para que ajudando se dos condutos, que por sua casa achasse, pudesse cumprir com a sagrada lei da hospitalidade; sendo o pão subcinericio, manjar imperfeito (toda via não sei que graça, & que bondade acham as escrituras nestas cinzas, que até quando Anjos do Ceo o trazem a Elias para alento de seu trabalho, he subcinericio pão, & pollo que tem de cinza, ao parecer Franciscano.) Porque se me aualiarà a mi mal acodir neste aperto, & necessidade occurente a mesa de Anjos com este pão subcinericio, imperfeito, humilde? E posto que o pão seja este, bem se pode levar ajudado dos conduttos das diuinas, & humanas letras, figuras, sentidos, & sentenças, com que em sombra ajudou Abraham com o nouilho, manteiga, & leite, com que o pão ficou tão laboroso, solido, & salubre, como do de Elias ministrado per Anjos dixe a Glossa. Vem a ser Refeição espiritual para entreter, & corresponder à corporal, quotidiana húa, & quotidiana outra. Nem se deue ter em pouco o que entre Religiosos veyo a ser não so disciplina regular, mas policia. E em nenhúa cousa tanto, como no tratto da mesa se alcança melhora policia, & boa criação. E bem sutilizou Philo, que em nada aquelles hospedes de Abraham descobriram ser Anjos, & celestiaes Cortelaões, como no que na mesa trataram na lição, que alli se leo de promessas diuinas, & mereciméto humanos. Quem logo quererà ser notado de pouca policia em não aceitar

Math. 23. n. 17

Gen. 18. n. 6.

3 Re. 19. n. 6.

Gloss. ibid.

Phil. de Abraham.

tar a offerecida Refeição? E se da Refeição corporal diz o Apostolo: *Qui manducat, Domino manducet.* Tambem esta espiritual seja para gloria desse mesmo Senhor Amen.

§. I V.

Do Sogeito.

HUma vez que nosso Saluador Iesus Christo chegou, não pré-gador ao pulpito para prégar, nem leitor à cadeira para ensinar, mas ledor à estante para ler; não acaso por certo, mas mui pollo conselho de sua sabedoria eterna, abriu o lugar de Isaias, em que mandaua annunciar o Euangelho a pobres. *Spiritus Domini super me, euangelizare pauperibus misit me.* Como que começando a tratar da palavra de Deos, nenhúa achasse mais a proposito, que a dos Euangelhos sacrosantos. Esta não se desprezou o diuino Mestre de como humilde ledor propor aos ouuintes, o que o liuro continha. *Atque ille ita ad omnia se curuauit obsequia, vt ne lectoris quidem aspernaretur officium:* diz Santo Ambrosio. Esta achei com o Senhor, que era a mais a proposito para pobres: *Euangelizare pauperibus misit me.* A aquelles pobres, de quem o Espirito santo diz: *Edent pauperes, & saturabuntur.* Logo para comerem pobres, & para mesa de Religiosos pobres de espirito (como o Senhor lhes chama) nenhúa cousa mais a proposito podia ser para sogeito da Refeição espiritual, que a sagrada lição, & exposição doutra, & deuota dos Euangelhos. Não sô porque o Euangelho he toda a principal parte da sagrada lição; mas porque he a principal Refeição a mais suaue, & efficaz contra as tentações, & embustes do inimigo, Sendo tão impauido como poderoso o demonio; toda via para se lançar fora do corpo de Saul, o que o espiritaua; bastaua a letra, que Dauid cantaua à sua harpa. Diz a Glossa, que era dos futuros mysterios o que cantaua Dauid, do Euangelho, da vida, obras, & milagres do Messias, que nos Euangelhos se chronoliza. Nem faltaua no musico instrumento a figura da concordia dos Euangelhos em sua natural harmonia; da qual diz grauemente S. Thomas de Villa-noua Arcebispo de Valença: *Ad cythara sonum tremefactus recedis, & quem nulla vis superat, superat harmonia.*

2 Esta he a Refeição sobre medicinal, doce, & alegre; porque *Euangelium* quer dizer, boa noua, & alegre embaixada: de *Eu* que he *bonus*, & de *Angelus* que he *Nuncius*. E se bem geralmente falando, qualquer embaixada, ou recado do Ceo em qualquer escriptura se pode chamar *Euangelium*; com tudo somente se chamam per antonomasia, & excellen-

Luc. 4. n. 18.
Isai. 62. n. 1.

Amb. in Luc.
lib. 4.

Ps. 21. n. 28.

Matth. 5. n. 3.

E. Reg. 16. n.
23.

Gloss. ibid.

Villanoua. ser.
de visit.



lencia Euangelhos, os que contem a Chronica da vida, & obras de Christo. Aduertência do proemio da meretissima de ouro cadea sobre os Euangelhos: *Tamē proprie hoc vocabulū annūciatio obtrinitū Salvatoris; narratores quippe originis factorum, dictorum, Passionis Domini Nostri Iesu Christi, proprie dicti sunt Euangelista.* A iguaria desta Euangelica Refeição, hũa he em substância, mas para fair mais suaue, & ministrar repetidas delicias, & amplificar a indubitavel verdade, diz S. Ioão Chryfostomo, que se quadruplicatã os pratos. *Sufficiebat ut vnus Euangelista omnia diceret, sed cum quatuor ab vno ore omnia loquantur, maxima fit demonstratio veritatis.* Assim se ficam ministrando, não los diuerfos gostos, mas diuerfas vidas, como diz Aristoteles, que: *Diversitas alimentorum facit diuersas vitas.* Nem he de marauilhar que sendo sô hũ o Euangelho, posto em quatro pratos, faça diuerfas vidas; porque sendo hũa sô a aruore da vida, se chama no Hebreo: *lignum vitarum.*

3 Esta vniforme variedade de vidas, & pratos da euangelica Refeição, ministram aquelles quatro espiritos em quatro diuerfas figuras, cujas allegorias não he lugar de amplificar. Basta que S. Mattheos vista a de homem, S. Marcos de Leão, S. Lucas de Boi, & S. Ioão de Aguia. Reis todos de toda a casta de animaes, como o aduerte Philo. A Aguia das aues, o Boi dos seruiçais, que chamam geralmente jumentos; o Leão das feras, & o homem de todos. S. Mattheos escreueo primeiro de todos em Iudea, em tempo de Cayo Caligula. S. Marcos depois logo em Roma em tempo de Nero, ou de Claudio (segundo Rabano) S. Lucas em Grecia nas partes de Achaia, & Beocia. Ultimo de todos S. Ioão em Epheso, em tempo de Nerua; Chronistas todos de hũa so vida de Christo, a qual como a pão de vida reparte a Egreja a seus filhos per toda a roda do anno, não seguindoa pollo curso, & ordem della, que não fora a proposito; mas dispensada conforme a diuerfas occasioes, & opportunidades occurrentes, que seu diuino esposo lhe inspira quando ordena em ella a Charidade. Da excellencia, utilidade, & deuocão desta vida de Christo nos Euangelhos, seria superflua tanto, como infinita a disputa. Larga a faz o grande Landulpho no proemio de sua *Vita Christi*; mais por dizer agũa couza mais abreuada, offereço em sũma a de Landulpho, & a de S. Boauentura, que primeiro que Landulpho escreueo, para instrucção de hũa filha sua espiritual, freira de S. Clara, sobre o mesmo assumpto no proemio das meditaçoens da mesma vida de Christo. Alieue o Seraphico de seu espirito o importuno de minha traducção; fiel si, & mais a letra possiuel per suas mesmas distincçoens. Encomendo eu, & rogo muito, que se lea, & pollo menos o final, que pudera bem seruir de prologo a esta nossa obra,

PROEMIO DE S. BOAVENTURA
sobre as meditações da vida de Christo.

Bon. tom. 6. in
opusculis.

ENtre outras acclamaçoens das virtudes, & louvores da Santa Virgem Cecilia, se le, que trazia sempre escondido ne peito o Evangelho de Christo. O qual parece que se deue entender de maneira que tiuesse nelle escolhido algúas cousas para si mais deuotas da vida do Senhor Iesus referidas no Euangelho, em as quaes meditasse de dia, & de noite, com coração puro, & inteiro, affeição estremada, & feruente, & com hú perfeito circulo tornando outra vez a começalla: & ruminandoa com doce, & suaue gosto, os punha no intimo de seu coração. Isto mesmo vos aconselho eu que vos façais. Porque creio que este he o mais necessario, & proueitoso sobre todos entre os estudos do espirital exercicio, & que a mais alto grao levantar pode. Porque em nenhúa outra parte achareis onde assi possais ser ensinada contra as vaás, & caducas branduras; contra as tribulaçoens, & aduersidades; contra as tentaçõens, & vicios dos inimigos; como na vida do Senhor Iesus, a qual foi sem algú defeito perfectissima. Porque da continua, & costumada meditação de sua vida, se traz a alma a húa familiaridade, confiança, & amor seu; de tal sorte que tudo o mais tem em nada, & despreza. Alem disto fica fortificada, & instruida para o que deue fazer, & do que deue fugir.

Digo em primeiro lugar, que a meditação da vida do Senhor Iesus esforça, & confirma a alma contra as cousas vaás, & caducas, como se ve na ditta Santa Cecilia, a qual de tal modo tinha seu coração cheyo da vida de Christo, que não podiam entrar nelle essas vaás cousas. Onde vinha que posta na pompa das vodas, onde tantas cousas se fazem; ella cantando os orgãos, com firme coração com só Deos o havia, dizendo: façale Senhor, meu coração, & meu corpo immaculado, para que não venha a ser confundida.

Ber. ser. 6. in
Cant. ad fin.

Em segundo lugar fortalece contra as tribulaçoens, & cousas aduersas, como se ve nos Martyres; acerca do qual diz assi Bernardo. O sofrimento dos Martyres procede de que com toda a deuação trouxessem diante dos olhos, & com continua meditação se occupassem nas Chagas de Christo. Nellas esta o Martyr aluoroçado, & triunfante, posto que espedaçado todo o corpo; & abrindo o ferro as ilhargas. Onde pois estaua então a alma do Martyr? Sem falta que nas Chagas de Iesus; Chagas que estauam abertas para se entrar nellas. Se em suas entranhas estiuera, sentira, vendoas bem, por certo que o ferro não aturára a dor; de smayàra, &

& negara. Até qui S. Bernatdo. E daqui vem que não fos os Martyres, mas tambem os Confessores em suas tribulaçoens, & infirmitades tiuessem, & tenham tanta paciencia. Se lerdes de S. Francisco, & de Santa Clara mai & guia vossa; podeis achar como se haviã não fo pacientes, mas alegres, com muitas tribulaçoens, necessidades, & doenças. Isto mesmo podeis ver cada dia em todos os que fazem santa vida; & isto, porque suas almas nem estauam, nem estam em seus corpos, mas em Christo pol-la deuota meditaçam de sua vida.

Em terceiro lugar digo, que ensina o que se deue fazer, para que nem os inimigos, nem os vicios possam ter entrada, ou enganem; por quanto se acha alli a perfeição das virtudes. Porque em qual outra parte assi achareis exemplos, & doutrina da virtude da altissima pobreza, da grande humildade, da profunda sabidoria, da oração, da mansidão, da obediencia, da paciencia, & das mais virtudes; como na vida do Senhor das virtudes? Disto diz assi breuemente Bernardo: De balde trabalha ninguem no grangeo das virtudes se tem para si que se hão de esperar de outra parte, se não do Senhor das virtudes: cuja doutrina he seminario de prudência, cuja misericordia obra de justiça, cuja vida espelho de temperança, cuja morte he braço de fortaleza. Até qui Bernardo. O que o segue pois, não pode errar, nem ser enganado. Para imitar, & alcançar as virtudes do qual, seacende, & anima o coração polla frequente meditação. Depois disso he allumiado polla virtude de tal modo, que se reucste da virtude, & aparta o falso do verdadeiro: em tanto estremo, que houue muitos sem letras, que conheceram grandes, & profundos misterios de Deos. Donde credes que chegou S. Francisco a tanta copia de virtudes, & a tão clara intelligencia das Escrituras, & ainda a tão perspicaz conhecimento dos enganadores inimigos, & vicios; se não da familiar conuersação, & meditação do Senhor seu Iesus? Por isso se haviã tão ardentemente para com elle, que se fez como hũ retratto seu, porque em todas as virtudes o imitava o mais perfeito que podia; & finalmente comprindoo, & perfeiçoandoo Iesus polla impressão das sagradas Chagas, veyo a ser nelle totalmente transformado. Eis aqui a quaõ alto grao o chegou o trazer a meditação da vida de Christo. Senão que como fundamento efficaç leuanta a maiores graos de contemplação; porque se acha alli a vnião, que pouco, & pouco purifica, & eleua a alma; & ensina tudo o que agora de presente se não tratta:

*Ber. ser. 22. in
Sant. in fine,*

Agora pretendo iruos introduzindo em algũ modo nas meditaçoens da vida de Christo; mas tomara eu que recebereis vos isto de outro mais experimentado, & douto homem; porque eu sou para semelhantes coufas tudo o que pode ser insufficiente. Mas julgando que melhor he dizer algũa cousa como puder, que totalmente callar, experimentarei o pou-

22
 co que posso, & falarei comuoso familiarmente em rude, & mal polido estilo: assi para que possais melhor alcançar o que se dixer; como para que não ponhais o cuidado em dar Refeição dahi à orelha, se não a alma; porque se não ha de fazer força nas crnadas palauras, mas nas meditações do Senhor Iesus. Para o qual tambem somos induzidos polla doutrina de Hieronimo, que diz: A prattica rude penetra até o coração, a polida aproueita às orelhas. E espero que minha limitação aproueite a vossa rudeza: mas muito mais espero que se vós quizerdes com diligente meditação nestas cousas exercitaruos, tereis por Mestre ao mesmo Senhor, de quem falamos. E não imagineis que se podem imitar todas quantas cousas constam, que por elle foram dittas, & feitas, ou que todas estão escrittas; mas contallas hei eu para maior impressão, assi, & da maneira como se assi fossem, do modo com que se podem crer que aconteceram, ou aconteceriam segundo varias representações imaginarias, as quaes o animo de diuersa maneira percebe. Porque também a cerca da diuina Escriitura podemos de muitos modos meditar, expor, & entender como melhor cremos que conuem: com tanto que não seja contra a verdade da vida, justiça, & doutrina; & não seja contra a Fé, & contra os bons costumes. Quando pois achardes que conto desta maneira (assi dixe, ou fez o Senhor Iesus) ou outras cousas, que se introduzem; se aquillo se não puder prouar polla Escriitura; não o tomeis doutro modo, mais do que pede húa deuota meditação. Isto he, tomaio como se dixe: Meditai, que assi dixe, ou fez o Senhor Iesus; & assi das semelhantes cousas. E se vos disto dezejais colher fructo, de tal modo vos fazei presente a aquellas cousas, que pollo Senhor Iesus se contam dittas, & feitas; como se com vossas orelhas as ouuisseis, & com os olhos as visseis, com todo o affecto da alma, diligente, deleitosa, & morosamente; pondo por então de parte todos os outros cuidados, & sollicitoens. Pollo que vos rogo (amada filha) que recebais alegremente este meu trabalho, que tomei para louuor do Senhor Iesus, para aproueimento vosso, & para utilidade minha: & muito mais alegre, deuota, & sollicitamente vos exerciteis nelle mesmo.

Assi faz fim o Proemio do Doutor Seraphico, & flãmante como Seraphico, pode ser remate, & coroa a estes nossos dilatados, mas necessarios prologos, ante pasto da nossa Refeição; reteruando para o ser da segunda parte della, húa curioso, & bem tecido sumario, & compilação da vida de Christo N. Senhor com os Euangelhos, que a S. Egreja, ferma no vario de que se recueste; dispersamente vsa polla roda do anno: para assi se alcançar facilmente noticia do tempo, & occasião, em que cada húa desses seus Euangelhos se refere. Em consequencia desta curiosa clareza, desde logo nesta primeira parte no Index dos Capitulos

costumado a premetir-se ao corpo da obra; se acharà sua remissão ao referido Súmario. Para que o curioso Leitor, & o estudioso pregador saiba em que rumo vai do historial do Euangelho, em que se occupa, & o vai buscar na agulha do tal Súmario, no principio da segunda Parte, que com o fauor diuino, se esta ja estampando. E presto sairà a luz.

Interim. Vale.

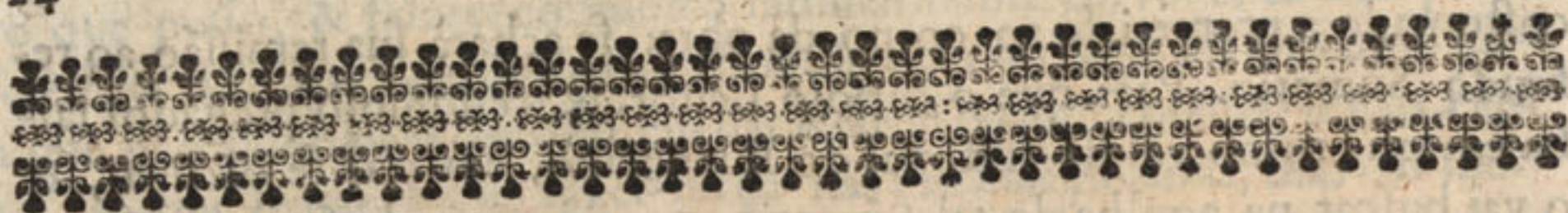
Curioso Lectori Epilogium.

Dulcis adest (auidi properate) Refectio mentis;
 Ambrosias offert sedula cura dapes.

Quid ni hoc dulcescat caelesti nectare mensa,
 Esurie foelix, deliciosa fame?

Quaque inhians refici cupiat mens, sana sciatur;
 Si qua minus, languens flaccida tota cadat.





L I C E N Ç A S .

*CENSVRA DO M. R. P. Fr. IOAM DA CRUZ
Leitor jubilado, Custodio, & Padre da Prouincia
de Portugal.*

Por mandado do nosso M. R. P. Fr. Manoel da Esperança Leitor jubilado, Examinador das Ordens Militares, & Prouincial da Prouincia de Portugal, li esta Primeira Parte da Refeição espiritual composta da vida, & acçoens de Iesus Christo nosso Saluador, pello M. R. P. Fr. Manoel do Sepulchro, Leitor jubilado, & P. da mesma Prouincia, & se se me permitira a lera tantas vezes até que a mandasse toda a memoria para conseguir a ditta de ser seu Discipulo no espirito, que não logrei de ter por Mestre na Cadeira. A substancia desta espiritual Refeição: no deuoto, claro, douto, modesto, reformado, & discreto, he húa copia do Manna Celestial; pois não so a húa enfermidade da alma, mas a todas da remedio; porque aqui tem os tibios deuação, os cegos claridade, os ignorantes documento, os presumidos modestia, os relaxados reforma, & os grosseiros discricião, & adonde tudo são acertos para a saluação, claro esta que não ha de hauer erros para a censura. Sou de parecer que com toda a breuidade possiuel se dé a estampa, para que as almas tão desmayadas por falta de espirito, em húas de todo perdido, em outras quasi arriscado, se não retarde o vtil conforto desta Refeição. S. Francisco da Cidade, em 24. de Feuereiro de 1662.

Fr. João da Cruz.

*CENSVRA DO M. R. P. Fr. FRANCISCO DE
Capistrano Leitor jubilado, & Dessenidor da mesma
Prouincia.*

Por mandado do N. M. R. P. Fr. Manoel da Esperança Leitor jubilado, Examinador das Ordens Militares, & Ministro Prouincial da Prouincia de Portugal da Regular Obseruancia de Nosso Seraphico Padre S. Francisco, li esta primeira Parte da Refeição espiritual composta

sta da vida, & acçoens de Christo Senhor nosso pello M. R. P. Fr. Manoel do Sepulchro, Leitor jubilado, & Padre da mesma Prouincia, que pella singular disposição com que he composta, graue, & doctissimo estilo com que he fabricada, muita, & santa doutrina dos Padres, com que se illustra famosos lugares da sagrada Escriptura com que se adorna, & grande zelo do Autor com que dezeja o bom proueito das almas em tam santa Refeição do espirito, se deixa bem ver que não necessita de se acreditar com faltas alheias para que possa luzir com erudiçoens proprias; porque são as desta obra tão doctas, & santas, que mais se hão de acreditar pello grande proueito que per si proprias podem fazer, do que com as maiores faltas alheias que podem remedear, & assi não podera ser a fome que ouuer de Refeição spiritual a que faça esta mais apraziuel, como serà a grande erudição sua a que a faça mais agradauel, por onde julgo ser mais digna de se aplaudir com louuores, do que de se emmendar com censuras que deue N. M. R. P. Prouincial dar licença para que se possa imprimir, porque seruirà de muita consolação aos Fieis mais deuotos, de singular gosto aos Religiozos mais espirituaes, de grande exemplo aos engenhos mais eruditos, & a todos de grãde aproueitamêto na deuação em seruiço de Deos N. Senhor. S. Francisco da Cidade aos 9. de Junho de 1662. *Fr. Francisco de Capistrano.*

F Rei Manoel da Esperança Leitor jubilado, Examinador das tres Ordens Militares, Ministro Prouincial, & Seruo da Prouincia de Portugal dos Frades Menores da Regular obseruancia de Nosso Serafico Padre S. Francisco, &c. Ao M. R. P. F. Manoel do Sepulchro, Leitor jubilado, & Padre da mesma Prouincia. saude, & pax em o Senhor. Por quanto V. Paternidade tem composto hum liuro intitulado Refeição espiritual para a meza dos Religiozos &c. Primeira parte hyemal, & pella informação dos Padres a quem cometi o exame delle me consta que sera de muita vtilidade para o seruiço de Deos, & proueito das almas, que com esta Refeição alentarão o espirito nos feruores da virtude. resultando tambem credito, & honra à nossa Religião, da qual he o seu Author. Pella presente dou licença a V. Paternidade, & lhe encômendo muito que com toda a pressa aprezete este liuro no Tribunal da S. Inquisição, pedindolhe licença para que se possa imprimir depois do seu exame, & auêdo todas as outras licenças necessarias execute a impressão com toda a breuidade possiuel. Dada neste nosso Conuêto de S. Fracisco de Lisboa a 13. de Junho de 1662. *F. Manoel da Esperança Ministro Prouincial.*

Por mandado de sua Paternidade M. Reuerenda.
Fr. Sebastião dos Anjos Secretario da Prouincia.



CENSURA DO M. R. P. M. Fr. CHRISTOVAM

d' Almeida Lẽte de prima no Collegio de S. Antão da Ordẽ dos Eremitas do grãde Padre S. Agostinho, Prẽgador de sua Magestade, & Qualificador do Supremo Tribunal do S. Officio da Inquisiçãõ, & Bispo eleito de Targa.

POr mandado do Conselho geral do Santo Officio vi este liuro que se intitula Refeiçãõ Espiritual para a meza dos Religiozos, & de toda a deuota familia, composto pello M. R. P. M. Fr. Manoel do Sepulchro, Leitor jubilado, & P. da Prouincia de Portugal da Ordem do glorioso Patriarcha S. Francisco, & alem de não achar nelle couza algũa contra a nossa S. Fé, ou bons costumes, me parece muito digno de imprimirse hũa, & muitas vezes para espelho dos Religiozos, & reformaçãõ dos Fieis. Lisboa no Collegio de S. Agostinho 4. de Setembro 1663.

Fr. Christouão d' Ameida.

CENSURA DO M. R. P. M. FREI ANTONIO

Correa Lente jubilado da Ordẽ da SS. Trindade, Cathedratico da sagrada Escritura na Vniuersidade de Coimbra, & Qualificador do S. Officio.

VI de mandado do Conselho geral do Santo Officio o liuro intitulado Refeiçãõ Espiritual para a meza dos Religiozos, & de toda a deuota familia, composto pello M. R. P. M. Fr. Manoel do Sepulchro, Padre da Ordem do Serafico Padre S. Francisco, & achei que alem de não ter couza contra nossa Santa Fé, ou bons costumes, he obra muito necessaria para o fim a que seu Autor a dirige, & tão douta, como sua, & assi sou de parecer que se deue dar à estampa para proueito de todos. Trindade de Lisboa em 27. de Dezembro de 663.

Fr. Antonio Correa.

Visto as as informaçõens pode se imprimir o liuro intitulado Refeiçãõ Espiritual do P. M. Fr. Manoel do Sepulchro, & impresso tornará ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 7. de Dezembro 663.

Pacheco. Souza. Fr. Pedro de Magalhaens. Magalhaens de Menezes.

Pode se imprimir Lisboa 12. de Setembro 1663.

F. Bispo de Targa.

CEN-

CENSURA DO M. R. P. Fr. ISIDORO DA LUZ
Prouincial da Ordem da Santissima Trindade, Doutor em sagrada Theologia polia. Vniuersidade de Coimbra, & nella Cathedraico de Controuersias.

M Anda V. Magestade que reueja o liuro intitulado Refeição Espiritual Autor Fr. Manoel do Sepulchro, Leitor jubilado, & P. da Prouincia de Portugal da Ordem dos Frades Menores: nelle imita seu Autor a muitos doctissimos, que escondendo o sutil, & grande de suas letras se entregãrão a escrever obras, com que mais com a deuação mouessem o entendimêto que com a sutileza dos pensamêtos; de sorte explica o profundo sentido dos sagrados Euangelhos, de que vza a Igreja por todas as festas do anno, que cauzará no coração dos Fieis fogo, não que se desfaça sem alumiar em o sutil do fumo, mas o que a Magestade encarnada queria se acendesse, alumiano, & inflamando, porque explica com tanta sinceridade a doutrina de Christo, que se deixa entender de todos, para que entendida inflame as almas, bem era que a tantas sutilezas, que sem fruto se escreuem se oppuzesse o author, escreuendo por tal arte, que doutos, & não doutos podem tirar grande fruto, em tudo se conforma com o sagrado Concilio Tridentino na exposição do sagrado texto, nem tem couza que offenda ao seruiço de V. Magestade, merece a licença que pede; V. Magestade fará o que mais conueniente for à seu Real seruiço. Lisboa no Conuento da Santissima Trindade em 6. de Feuereiro de 664.

Fr. Isidoro da Luz.

P Ode se imprimir vistas as licenças do Ordinario, & Santo Officio, & impresso tornarà à meza para se taxar, & sem isso não correrà. Lisboa 18. de Feuereiro de 664.

Dom Rodrigo de Menezes Presidente. João Velho Barreto. Jorge da Silva Mascarenhas. Manoel de Magalhaens de Menezes.

F Rei Luis das Chagas Leitor jubilado, Ministro da Prouincia de Portugal dos Frades Menores da Regular obseruancia de N. Serafico Padre S. Francisco &c. Ao M. R. P. F. Manoel do Sepulchro, Leitor jubilado, & Padre da mesma Prouincia, saude, & pax em o Senhor. Por quanto Vossa Paternidade tem composto hum liuro intitulado Refeição espiritual para a mesa dos Religiozes, primeira parte hyemal, &

pella informaçam dos Padres a quem se cometeo o exame d'elle, me consta sera de muita utilidade para o seruiço de Deos, & proueito das almas. Pella presente dou licença a Vossa Paternidade pera que se possa imprimir, visto ter ja licença do Tribunal do Santo Officio, & todas as mais necessarias. Dada neste nosso Conuento de S. Francisco de Lisboa aos 12. de Março de 1664.

Fr. Luis das Chagas.

Por mandado de sua Paternidade muito Reuerenda.
Fr. Antonio de Monte Sion Secretario da Pronincia

Visto estar conforme com o seu original pode correr esta Refeiçao spiritual. Lisboa 8. de Outubro 1669.
Souza. Fr. Pedro de Magalhaens. Magalhaens de Menezes.
Dom Verissimo d'Alencastro. Sylua. Barreto.

TAixão este liuro em noue testoes em papel. Lisboa. 5. de Outubro 1669.
Marques Presidente. Monteiro, Magalhaens de Menezes. Miranda.
Carneiro.



X

...informaçam dos Padres a quem se cometeo o exame delle, me con-
...das almas & proveyto das almas



S V M M A

DOS CAPITVLOS DA REFEICAM. PRIMEIRA PARTE.



Esta Summa, ou argumento vniuersal tem a curiosidade não somente Index, & repertorio dos capitulos, como he costume acharse em os mais liuros, mas também apontamento, & elencho, para que combinando, & complicando com o summario da vida de Christo, que irá posto no principio da segunda parte desta Refeição; possa saber facilmente em que tempo, occasião, lugar, & annos de Christo succedeo o referido no Euangelho, pois todo accuradamente vai no sobredito Summario declarado, ou por expresso nos Euangelistas, ou por bem conjecturado dos Doutores; assi que nam vem so a ser index de liuro, mas materia de curiosidade, & deuoçam. O primeiro numero he da pagina, o segundo do summario, que he o seguinte.

- Dom. 1. Aduent. Cap. I. **D**A vinda do Senhor ao juizo pag. .1.
Suumario num. 120.
- Dom. 2. Aduent. Cap. II. Do recado que o Baptista mandou por seus Discipulos a Christo. pag. 19. sum. num. 45.
- Dom. 3. Aduent. Cap. III. Do testemunho que o Baptista deu de Christo ao recado, que lhe mandarão os de Ierusalem. pag. 36. sum. num. 17.
- Dom. 4. Aduent. Cap. IV. Do principio da prègaçam de S. Ioão Baptista pag. 53. sum. num. 14.
- Fest. Natiuitatis. Cap. V. Do Nascimento temporal de N. Redemptor Iesus Christo. pag. 70. num. 6.
- Dom. inf. oct. Nat. Busque se no fim da 2. parte Cap. ultimo pag. 9. & 10. & no mesmo lugar a Festa da Purific.
- F. Circumcisionis. Cap. VI. Da Circumcisam, & nome gloriosissimo de Iesus. p. 91. sum. num. 7.
- Festa. Epiphania. Cap. VII. Da Epiphania de Christo, vinda, & adoraçãõ dos Magos. pag. 111. sum. num. 8.



30 Dom. inf. Oct. Epiph.	Cap. VIII. De como o menino Iesus se perdeu, & foi achado em Ierusalem pag. 129. sum. num. 13.
Octau. Epiph.	Cap. IX. Do Baptismo de N. Salvador Iesus Christo. pag. 148. sum. num. 15.
Dom. 2. Epiph.	Cap. X. Da conuersão da agua em vinho nas vodas de Canã de Galilea. pag. 152. sum. num. 19.
Dom. 3. Epiph.	Cap. XI. De como Christo alimpou hum leprozo, & curou o criado do Centurio. pag. 169. sum. 43.
Dom. 4. Epiph.	Cap. XII. Da tempestade, que N. Redemptor fez amangar da barca p. 127. sum. 27.
Dom. 5. Epiph.	Cap. XIII. Da parabola das zizanias que o inimigo semeou. p. 270. sum. 50.
Dom. 6. Epiph.	Cap. XIV. Das duas vltimas parabolos do grão da mostarda, & fermento p. 225. sum. 51.
Dom. Septuag.	Cap. XV. Da parabola dos trabalhadores da vinha. p. 242. sum. 99.
Dom. Sexages.	Cap. XVI. Da parabola do laurador que semeou em diferentes terras p. 263. sum. 50.
Dom. Quinquag.	Cap. XVII. Da subida do Senhor a Ierusalem, & vista que deu ao cego à entrada de Jerico. p. 279. sum. 102. & 103.
Ciner.	Cap. XVIII. Da Cinza, & penitencia p. 291. sum. 40
Dom. 1. Quadrag.	Cap. XIX. Do jejum, & tentação de N. Senhor Iesus Christo. p. 298. sum. 16.
Dom. 2. Quadrag.	Cap. XX. Da Transfiguração de N. Senhor I. Christo. pag. 314. sum. 65.
Dom. 3. Quadrag.	Cap. XXI. Do endemoninhado cego, surdo, & mudo, que curou N. Salvador. p. 331. sum. 48.
Dom. 4. Quadrag.	Cap. XXII. Do milagre dos cinco paens, & dous peixes. p. 350. sum. 56.
Dom. Passionis.	Cap. XXIII. Das palauras que Christo teue com os Iudeos pollas quaes o quizerão apedrejar. p. 370. sum. 73.
Dom. Palm.	Cap. XXIV. Do recebimento de Christo em Ierusalem com Ramos, & aclamaçoens. p. 388. sum. 108. & seq.
Fer. 4. Hebd. 5.	Cap. XXV. Do mysterio da semana S. p. 400. sum. 124. & seq.
Fer. 5. Cena.	Cap. XXVI. Da santa quinta feira da Cea do Senhor p. 404. sum. ibid.
Fer. 6. Parasc.	Cap. XXVII. Da 6. feira in Parasc. p. 408. sum. 136.
	Sab.



<i>Sab. santo.</i>	Cap. XXVIII.	Da sepultura do Senhor. p. 411. sum. 139.
<i>Dom. Resur.</i>	Cap. XXIX.	Da gloriosa Resurreição. N. Senhor Jesus Christo. p. 415. sum. 40. & seq.
<i>Dom. in Alb.</i>	Cap. XXX.	Do aparecimento do Senhor Domingo da Resurreição a seus Apostos em dia oitauo della. p. 432. sum. 145. & 146.
<i>Dom. 2. Pasch.</i>	Cap. XXXI.	Da differença entre o bom Pastor & o Mercenario. p. 455. sum. 75.
<i>Dom. 3. Pasch.</i>	Cap. XXXII.	Do esforço que o Senhor deu aos seus para sua despedida. p. 477. sum. 132.
<i>Dom. 4. Pasch.</i>	Cap. XXXIII.	Da importancia da partida de Christo para vir o Espirito S. p. 497. sum. 131.
<i>Dom. 5. Pasch.</i>	Cap. XXXIV.	Da confiança que Christo deu aos seus para pedirem ao Padre. p. 519. sum. 133.
<i>Fest. Ascens.</i>	Cap. XXXV.	Da triunfante Ascens. de N. Senhor Jesus Christo. pag. 533. sum. 150.
<i>Dom. inf. Ascens.</i>	Cap. XXXVI.	Da promessa, & efeitos da vinda do Espirito S. p. 537. sum. 130.
<i>Dom Penth.</i>	Cap. XXXVII.	Da mysterioza vinda do Espirito S. o dia de Penth. p. 557. sum. 127.



Cap. XXXVIII. De sepultura do Senhor. p. 417. sum. 146.
 Dom. Refus. Cap. XXIX. Da gloriosa Ressurreição do Senhor. p. 417. sum. 146.
 Dom. in Alb. Cap. XXX. Do aparecimento do Senhor Domingo da Ressurreição a seus apóstolos em dia de domingo della. p. 417. sum. 146.
 Dom. 2. Pascha. Cap. XXXI. Da differença entre o bom Pastor e o Mercenário. p. 417. sum. 146.
 Dom. 3. Pascha. Cap. XXXII. Do escorço que o Senhor deu aos seus pastores de Siquem. p. 417. sum. 146.
 Dom. 4. Pascha. Cap. XXXIII. Da importância da guarda de Christo para vir o Espírito 2. p. 417. sum. 146.
 Dom. 2. Pascha. Cap. XXXIV. Da constância que Christo deu aos seus pastores de Siquem. p. 417. sum. 146.
 Fest. Ascens. Cap. XXXV. Da transmutação do Senhor Jesus Christo. pag. 417. sum. 146.
 Dom. inf. Ascens. Cap. XXXVI. Da promessa do Espírito da vida do Espírito 2. p. 417. sum. 146.
 Dom. Pentecostes. Cap. XXXVII. Da promessa da vida do Espírito 2. p. 417. sum. 146.

Ciner. Cap. XXXVIII. Cinza. p. 417. sum. 146.
 Dom. 1. Quaresma. Cap. XXXIX. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.



Dom. 2. Quaresma. Cap. XL. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.
 Dom. 3. Quaresma. Cap. XLI. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.
 Dom. 4. Quaresma. Cap. XLII. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.
 Dom. Pascha. Cap. XLIII. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.
 Dom. Pentecostes. Cap. XLIV. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.
 Dom. 1. Pentecostes. Cap. XLV. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.
 Dom. 2. Pentecostes. Cap. XLVI. Da Quaresma. p. 417. sum. 146.





PRIMEIRA PARTE

DA

REFEICÃO SPIRITVAL

CAPITULO PRIMEIRO

Da vinda do Senhor ao Inizo.

Luc. 21.
Matth. 24.
Marc. 13.

I.



M A E vniuersal dos Fieis sempre sollicita da boa criação de seus filhos, de tal modo dispõe a memoria dos mysterios de seu Esposo Iesus Christo que juntamente lhe sirua de instrução, & de sacrificio. Com esta attenção começa a proporlhos pollo principio da Fé de Christo que he a vinda sua em carne ao mundo, polia qual Deos feito homem para manifestação de sua gloria, começou a redépção do genero humano, a que era enuiado do eterno Padre ao mundo cattiuo. Esta misericordiosissima vinda, latinizado o nome se chama Aduento. O qual se tem por certo que para doutrina, & consolação dos Fieis instituhio o primeiro Pontifice Romano o Apostolo S. Pedro: E se continúa por quasi quatro somanas como solenissima, & continuada vigilia da santissima, & solenissima festa do Natal, em que a Igreja celebra a memoria do nacimêto de seu Esposo Iesus Christo. E logo os ensina como agradecidos a tanto beneficio, a fazerlhe sacrificio de louvor, & a pagar ao Altissimo seus votos. Porque no sacrificio de louvor está mais descuberto o caminho pollo qual se mostra a saluação de Deos,

Dur. Rat.
lib. 6. c. 2.

Es. 49. num.

como affirma o Propheta. Por isso começa a Igreja Romana suas rezas que são do sacrificio de louvor, pella primeira Dominga do Aduento; instituindo hum nouo anno desde este dia, que podemos chamar Ecclesiastico, á differença do vsual que começa o primeiro dia de Janeiro, & do Mathematico, que começa em o Equinoccio de Março.

L I Ç A M T.

Das sinaes do mundo superior.

2. T Oda esta doce memoria dos mysterios da Fé, & sacrificio matutino de seus lououres consagra a Igreja com a recordação da segunda vinda de Christo como mostrando logo o fim do anno, o qual se diz como anel, & circulo perfeito, que vem a fechar no mesmo ponto em que começa. Referindo esta vinda de Christo do Euangelho de S. Lucas no capitulo vinte & hum; pondo em primeiro lugar os sinaes do mundo superior, pollo qual se diz em o texto: *Auerà sinaes no Sol, Lua, & Estrellas.* As quaes palauras dixe o Senhor a seus discipulos na practica que com elles teue assi assentados no monte Oliuete, que he o mesmo que monte do Oliual, dõde estauão vendo, & descobrindo a Cidade & Templo; como tambem no mesmo Templo, a terça feira da so-

A

mana

mana de sua paixão, quando da banda de fora desse templo olhauão, & admirauão os discipulos a fermosa fabrica delle; & o mostrauão admirados ao diuino Mestre. Aos quaes elle então prophetizou do fim do templo, cidade, & mundo vniuerso polia vinda ao vniuersal juizo; ensinando com largo discurso o que deuião fazer, & apontando os sinaes de sua vinda. Muitas & mui graues razões moueraõ o espirito da Igreja para querer aparelhar, & preparar a seus filhos para o recebimento digno de seu Deos feito homem com os terrores, & medos da vinda desse mesmo Senhor tornando Iuiz. Basta apontar hũa, ou outra, pois se não podem tratar todas. A primeira he, porque segundo S. Gregorio he estilo da casa da Deos, & politica do espirito que se comece remendo para se poder acabar amando, & o principio de toda a sabedoria he o temor. E este diz S. Basilio, que o Propheta nos quer ensinar para chegarmos a lograr a honra, & descanso de filhos, que amando se goza. E assi diz S. Agostinho que a primeira lei foi de temor, para vir a ser de amor a segunda, & noua.

3 A outra razão he, para que ouindo protestar ao Filho de Deos que não veyo ao mundo para julgar ao mundo, senam para saluallo; não se descuidem as almas com o fauor, & se dānem com o mimo de Deos; E vão temperando a cõfiança com o temor, & as ternuras de minino com os rigores de Iuiz, como protestando tambẽ a Igreja por sua parte que quem o não quizer receber como a Esposo tenro, o experimentarã depois Iuiz duro. Esta misericordia, & juizo que o Propheta cantaua, he o artificio da roda no meyo da outra roda que Ezechiel admiraua. As quaes duas peças diz S. Basilio, que são raõ artificiofamente juntas, que hũa sem outra não gouerna. E assi como a primeira vinda precederaõ sinaes marauilhosos, de que trataõ diuersos Authores; assi a

segunda precederaõ outros, tanto mais terribes, & medonhos, quanto a segunda vinda he toda de rigor, & espanto; & não de amores, & branduras como a primeira. Sinaes se chamaõ neste lugar prognosticos, & que significam o que está por vir. E não se ha de cuidar que estes sinaes succederão por causas meramente naturaes, quaes são os cometas, & outros ainda mui prodigiosos, & portentosos, prognosticos de futuras cousas pollo juizo dos Astrologos, & experiencias: mas que succederão por modos mui desacostumados, & terrificos. E sendo elles tam medonhos, quaes virão a ser as cousas que se prognosticam? Por hũs males que precedem, diz S. Gregorio, que se podem tirar os que sobreuiraõ; ate chegar ao extremo, & perpetuo mal, que padecerã quem se não quizer aproueitar de tantos extremos de amor, & de brandura. E profetizando o Senhor sinaes em ambos os mundos superior, & inferior; aponta primeiro os do mundo superior dizendo: Auera sinaes no Sol, Lua, & Estrellas. Como em creaturas mais simples nos corpos, mais eminentes no lugar, & mais virtuosas nos influxos; & por consequente mais admirauẽs em ver que padecem, mais dignas de attenção, & mais para metter medo em faltarem com sua virtude. E assi he moralmente fallando, que quanto hum he mais perfeito no estado, mais eminente na dignidade, & mais deuedor de obras virtuosas; tanto mais obrigação tem de mostrar primeiro em si o abalo, & ensinar aos outros o temor de Deos, & exprimir em si os sinaes de seu juizo.

4 Isto he o que sobre a parabola dos talentos diz S. Gregorio: Aquelle caso nos esta auisando que sollicitamente consideremos que aquelles que pareceremos auer recebido alguma cousa mais dá maõ do Authordo vniuerso, não sejamos por isso mais grauamente castigados. Porque quando crecem os doens,

Greg. in Ezech.
Psal. 110. n.
10. & 33. n.
12.

Basil. ibid.

Aug. in Gloss
Exodi & de
ser. Dni in
monte.

Ioan. 3. n.
17.

Psal. 24. n.
12.

Ezech. 1. n.
17.

Basil. lib.
de Clement.
3.

Greg. hom.
35. in Euang.

Greg. hom.
49. in Euang.

os doens, entã crecem as obriga-
 ções de dar conta delles. E bem diz o
 Senhor que a conta dos beneficios da
 natureza se ha de pedir primeiro em
 certo modo, às creaturas mais per-
 feitas, nobres, & virtuosas na occa-
 sião do vniversal juizo: para nos en-
 sinar que no gouerno publico, &
 na correição commum não se hão de
 exceptuar os grandes, nem os paren-
 tes, nem os vezinhos, nem os fauo-
 recidos. Antes se ha de estar polla re-
 regra do Apostolo S. Pedro: Que o
 juizo começa da casa de Deos. Os cor-
 pos Celestes são os mais grandes em
 quantidade, os mais eminentes em
 lugar, os mais fermosos em qualidã,
 os mais poderosos em virtude, os
 mais vezinhos no sitio, & os mais fa-
 uorecidos do Author da natureza. Pois
 desses começaõ os sinaes do juizo para
 nos alumiar moralmente, como
 naturalmente o fazem. Sejaõ Sol,
 Lúa, ou Estrellas, nelles se hão de
 enxergar primeiro os sinaes do juizo,
 porque assi procedeo o zelo, & autho-
 ridade de Moises castigando seueramẽ-
 te primeiro que a todos; aos Princi-
 pes que achou comprehendidos no
 delicto geral que se cometteo no deser-
 to com luxuria juntamente, & idola-
 tria de Beelphegor. Peccarão muitos,
 mas os Principes foram os primeiros
 crucificados, & castigados, & despois
 os do pouo.

5. E porque neste texto de S. Lucas
 se poem estes sinaes em geral, se es-
 pecificam mais de cada hum delles
 em o de S. Matheus, como o aduer-
 tio S. Ambrosio. Em o qual se diz:
 o Sol se escurecerã & a Lúa não dará
 seu lume, & as Estrellas cairã do
 Ceo. O Sol se diz como que sã luz,
 fonte da luz, lhe chamou Heraclito;
 & Plataõ estatua, & imagem de Deos;
 outros alma, & olho do mundo, &
 Lúa como luz vnica; & estrella como
 estauel luz, ou luz fixa. O Sol, & Lúa
 são aquelles dous singulares Planetas;
 & duas luminarias grandes, que Deos

creou no principio do mundo, o ma-
 ior que he o Sol, para presidir ao dia,
 & o menor que he a Lúa, para presi-
 dir à noite. Grandes, não porque o
 sejaõ ambos na quantidade maiores
 que os outros Planetas, mas porque
 assi o parecem, & muito mais vistoso-
 sos, & lustrosos que todos os corpos
 celestes. Porque se bem o Sol he ma-
 ior que todos, a Lúa he menor que
 muitos; mas porque está mais perto
 de nos fica parecendo maior, & he
 mais operatiua nos corpos inferiores,
 que os outros astros. E he muito de no-
 tar com o Doutor Seraphico que a
 estes fermosos astros poem Christo
 por sinaes da destruição do mundo no
 fim delle, aos quaes em o principio
 poz por sinaes de seus tempos, meses,
 dias, & annos; Como para testemu-
 nhas do mal que os homens para cujo
 feruiço se crearam, se aproueitaram
 de seus ministerios.

6. Do Sol se diz que se escurecerã, &
 não se ha de entender que seja por al-
 gum eclypse; Porque o eclypse do
 Sol he interposição da Lúa entre o
 Sol & a terra; & o eclypse da Lúa pol-
 la interposição da terra entre ella; &
 a respeito do Sol, & da Lúa no mes-
 mo tempo diz que não ha de dar sua
 luz, & he impossivel em hum mesmo
 tempo auer eclypse de ambos estes
 Planetas. Por onde este eclypse do
 Sol serã sobrenatural, & como tal po-
 dera abranger a causar treuas em to-
 do o vniuerso, cousa que não pudera
 fazer o natural eclypse. Donde diz
 S. Boaventura: He de notar que assi
 como essas grandes luminarias do
 mudo são sinaes de cousas naturaes, se-
 gundo as naturaes operaçoens; assi
 tambem são sinaes de cousas que so-
 bre as forças da natureza acontecem,
 em quanto são instrumentos de algũas
 cousas que sobre a natureza se fa-
 zem, como se vio em Iosue, Ezechi-
 as & outros. Nem tam pouco se ha de
 entender que o Sol falte em sua luz,
 mas que seus rayos serã impedidos

1. Petr. 4.
n. 17.

Num. 25.
n. 4.

Apud Ro-
drig. lib. 24.
c. 14.

Gen. 1. n.
16.

Bonau. hie.
Gen. 1. n.

Bonau. hie.

por alguma interposição de corpo denso, como de alguma nuvem caliginosa que faça as trevas mais escuras, & terribéis, que as que no Exodo se contaõ de Egypto. Sobre o qual he muito de ponderar a manifestação da condição misericordiosa de Deos entre os rigores de sua justiça; pois auendo de castigar os homens faz pôr todo o mundo de luto, como que contra sua condição com tristeza o castigaua. Por isso diz que se escurecerá o Sol, para mostrar tambem que ja não auia mais que tratar do mundo pois o trattaua Deos como a defunto. E por tal o cobria com pano negro de trevas: por que saibam os homens que do mundo se haõ de aproueitar como de triste ataude para morrer, & não como de leito de flores para regalar.

7 Da Lúa se diz que não dará seu lume. Arazaõ litteral vema ser a mesma que a da escuridade do Sol. E ainda que no Evangelho se não diga mais, nem ainda Ezechiel o prophetize por outras palauras: toda via no Apocalypse se diz que a Lúa toda se fará sangue. Que he no sentido litteral, polla muita copia de vapores, que naquelles vltimos tempos extraordinariamente se leuantaraõ. E em o mystico, porque se correrá aquelle mais vizinho planeta, & se lhe faraõ as faces vermelhas de ver a grande, & torpe multidão dos peccados dos homens, dos quaes a Lúa no vltimo iuzo não sera leue testemunha. E por isso diz Isaias que no tempo do Reino do Senhor dos exercitos a Lúa se enuergonhará. Conuem a saber de auer feruido com sua luz ainda que escassa às traçoens, & insultos, & secretos peccados porque os miseraueis homens seraõ naquelle dia para toda a eternidade condemnados.

8 Vltimamente se diz, que as Estrelas cairão do Ceo. Não porque as Estrelas possam, nem de uam cair realmente do lugar em que estaõ, assi por sua vastissima grandeza, polla qual a

menor não coubera na terra; como porque faõ a mesma cousa com o Ceo, & parte delle. E assi se ha de entender que este modo de falar he tomado do vulgar, que chama estrellas às exhalaçõens do ar. Porque naquelle tempo auera muitas em demasia, das quaes se geraraõ terribéis Cometas de toda a figura horriuel, & espantoso parecer, que por todo o ar em redondeza em ambos os emisferios discorreraõ, & espantaraõ. E com muita conueniencia; porque se na morte, & desastre de hum Principe particular, & especial parte da terra se prognostica com hum Cometa; com quantos, & quaõ horriueis se deue solemnizar o fim, & acabamento de todos os Reis, homens, & gente do vniuerso? E por isso diz que as Estrellas cahiraõ do Ceo, como lagrimas ardentes que esse mesmo chora pollo castigo dos peccados dos homens. E que muito, se esse mesmo Senhor do Ceo lendo em sua memoria a destruição da cidade de Ierusalem chorou sobe ella, ja por compaixão que della como pacinha, ja por artificio por ver se com o humido de suas lagrimas podia vencer a secura dos Iudeos seus moradores, & como ardente dellas acender a charidade apagada, que ha tambem de ser a causa da total ruina, & destruição do vniuerso. E se polla condenação de hum so homem Iudas, se turbou ate Christo homem (como diz S. Cyrillo Alexandrino) que muito que se turbe o mundo na condenação de tantos milhoens de homens remidos com o sangue de seu Creator?

LIÇAM. II.
Desfinaes do mundo inferior.

9 **D**Enunciados os finaes que auiaõ de preceder nos corpos & mudo superior em quanto comprehede Ceo, Fogo & Ar; poemse em segudo lugar os que auerã no mudo inferior em quãto consta de aguas, & terra com seus habitadores, & pertencentes.

Exod. 10. n.
22.

Apoc. 6. n.
12.

Isai. 24. n.
23.

Luc. 19. n.
41.

Matth. 24.
n. 12.

Ioan. 13. n.
21.

Civill. Alex.
lib. 9. in
Ioan.

tes. Pollo qual se segue em o texto. *E nas terras auerá aperto das gentes, polla confusão do sôo do mar, & ondas; secando se os homens pollo temor, & esperança de cousas que sobrevirão a todo o vniuerso.* Em as quaes palauras duas cousas grandes se prognosticaõ. A primeira que pertence ao estado dos humanos; em quanto diz que em toda a redondeza da terra auerá apertos, trabalhos, guerras, pestes, fomes, & toda a mais casta de males, que naquella palaurade aperto, são entendidos; & que a causa delles será a confusão das aguas do mar, rios, & fontes, que com espátosas terribilidades andaraõ, não sô fora de todo o curso natural; mas ainda alem de toda a imaginação dos mortaes. Sobre o qual diz Theophilacto: *Que quãdo se alterar o mundo superior, tambem padeceraõ com muita ração os Elementos inferiores.* E assi se ha de entender que estes apertos, & commús males das gentes não procederaõ sô da confusão do soido horriuel, & espantoso bramido do mar como de causa efficiente; mas de ostensiva, & demonstratiua da descomposição dos Elementos, que será tal que até aquellas aguas, a quem Deos poz como a grande besta freo; teraõ lugar de se demasiarem, & deramarem, & liuremente soarem, & atemorizarem o mundo. Donde se toma argumentõ, que quando os superiores, & maiores se discompoem em suas açcoens, mouimentos, ou gouerno; logo os inferiores liuremente vagueam, & se desconcertam; & até os que mais enfreados deuiaõ andar, podem ameaçar, & atemorizar os simplicies. Por isso diz em o texto que depois da descomposição do superior mundo, auerá em os Elementos inferiores apertos grandes nas gentes.

Theoph. ihi.

Aug. epist. ad Hesich.

Aug. epist. ad Hesich.

io Acerca disto moue S. Agostinho esta questaõ graue, tomando o mortuo dos males grandes que cada dia no mundo se vem maiores. Dirme-

heis que vossos próprios males vos fazem confessar que ja está mui perto o fim, pois se cumpreo que d'elle está prophetizado. Porque he certo que nam ha terra algúa, ou lugar, que em nossos tempos não se aflija, & atribule. Porem se estes males que agora padece o genero humano são certos indicios de que ja quer vir o Senhor; que he o que diz o Apostolo que virá quando dixerem, paz, & segurança. Vejamos pois se se entende isto melhor por ventura que estas cousas que estão prognosticadas não se cumprem deste modo; se não antes, entãõ quando for tal tribulaçaõ em todo o mundo que pertença à Egreja, que será atribulada em todo o vniuerso, & não aos que a ella atribulaõ, que são os que haõ de dizer paz, & segurança; que quanto estes prognosticados males, que agora se tem por extremos, a hũ, & outro reino são commús; a saber de Christo, & do Demonio. Porque com estes igualmente são bons, & maos atormentados. O de cima he de S. Agostinho. No qual se da a entender, que ainda que os trabalhos do mundo, & apertos das gentes sejaõ todos os grandes que se possaõ imaginar, se com tudo não entrar de volta com elles a vniuersal tribulaçaõ, perseguiçaõ, & aperto da Egreja, não se haõ de ter por certos sinaes do juizo.

ii A segunda cousa que no texto se contem pertence ao intrinseco mal dos homens, a saber que andaraõ secos, & mirrados dos membros, attonitos, & fora de si no juizo. Efeito do temer do presente, & esperar do futuro. Tres causas se podẽ assinar para que os homẽs naquelle tempo assian-dem. A primeira pollo defeito do Sol, & dos outros Planetas com seus influxos, de que os humanos corpos dependem. A segunda pollo profunda tristeza com que se consumiraõ, porque como diz o Espirito Santo: O espirito triste seca os ossos. A terceira pollo pavor, & horror grande das treuas,

Stell. hisp.

Proverbi 17. n. 22.

apparecimentos, & afiguraçoens: que tudo imagina huma atemorizada fantasia. Quanto mais, que como o inimigo ha de andar tam permittido, de crer he que representará phantasmas, & figuras medonhas: como o

Basil. in Pf.
33.

dã a entender S. Basilio dizendo do dia do juizo: Assistirão alli hunsterribéis, & disformes Anjos, com afoqueados vultos, vomitando fogo, semelhantes à fea noite. A quarta, porque não teram com quem se consolar, nem ainda com quem desabafar de tamanhos males; porque o podellos communicar he parte de alliuio. Pollo que diz Jeremias querendo encarecer os trabalhos do miseravel po-

Tren. 1. n. 2.

uo, & cidade: Não ha quem a console de todos seus amigos; a saber, porque a dor em todos igualmête faz o mesmo effeito. E naquelles dias andará os homens tão confusos, & fora de si, que nenhũ falará palaura ao outro, nem se atreuerá a queixar selhe, vendo que igualmente se intristecem, & andam todos secos, & disfigurados.

Bonau. hic.

12. Alem destas razões diz sobre este lugar S. Boaventura: Diz se que os homens se secarão, porque viueram conforme a carne; por quanto Isaias diz:

Isai. 40.
n. 6.

Toda a carne he feno, & depois: Naceo o Sol com ardor, & secou o feno; isto he vindo o Sol de justiça ao juizo. Onde o veneravel Beda diz. No tempo de esperar o estreito juizo, muitos, que neste mundo pareciam florescer, se secarão; conforme aquillo do Psalmista: Caya sobre elles medo, & pavor polla grandeza, Senhor, de vosso braço. O de cima he de S. Boaventura. E outro Doutor diz. He de

Beda. apud
Bonau.

Exod. 15. n.
16.

notar que esta differença vai entre os bons, & os maos, que os bons são como lenha verde, que não se queima, nem acende facilmente; & os maos como madeiros secos a quem o fogo das tribulaçoens em hum momento traga. E quanto valha esta comparação, se proua bem em o que dixenosso Redemptor às mulheres de Ierusa-

Stel. hic.

lem em o dia de sua paixãõ: Se taes coufas se fazem em hum lenho verde, que sera em hum seco? Isto he: Se em mi, que sou justo, & verde, não sô por graça habitual, mas ainda polla vniãõ hypostatica, arde de tal modo o fogo da tribulaçaõ, & paixãõ; que fará nos homens secos do humor da graça, & accommodados para o fogo eterno?

13. E bem diz, que o secarêse assim os homêes serã por causa do que temê, & esperam de males; porque o temor pertence ao que de presente se vê, não tanto pollo que de presête se padece, quanto pollo que de futuro se espera. E assi se ha de entender que este temor, & esperança de males, he hũa mesma cousa, & oraçaõ coniuincta, que tanto val, como se dixerá: Andará os homens pasmados pollo temor, & tristeza, que os males esperados de futuro lhes causarã, para de presente como certissimos. E por isso não dixen medo senãõ temor. Porque conforme Marco Tullio, medo he de perigo remoto, & que tem algum modo de escape; mas temor he perigo irremediauel por sua certeza. Donde sobre o final que Deos poz a Cain que foi temor, & tremor triste dos membros, diz Philo Hebreo: A hum miseravel he força que ou padeça, ou espere males; & assi o esperallos gera temor, o padecellos tristeza. Mas os que seguem a virtude gozam contrapostos regalos; porque ou acquire bens de presente, ou os espera de futuro: o gozallos traz por certo consigo gosto, como o esperallos alento da esperança, que he alimento das almas virtuosas, polla qual apartam de si toda a priguica. Ate qui Philo.

Tull. 4.
Tuscul.

Gen. 4. n.
15.
Phil. lib.
quod. det.
p. 11.

14. Donde se pode colligir que quiz nosso Saluador em o texto mostrar o castigo justo dos maos, que pois se não quizerãõ aproueitar de bens, que o Ceo aos virtuosos dà dante maõ; tenhaõ dante maõ grandes males. Por-

que

Luce 23. n. 13.

que o mesmo he no texto dizer que se pasmaraõ pollo temor, & esperança de futuros males que dizer quelhes viraõ esses males dante maõ, como paga de roins obras. E bem he que o rigor da suas justiça se contraponha à piedade da misericordia, que tem graça de dar gostos dante maõ. Pollo qual considerando os risos de Sara, & Abraham antes do nascimento de Isac (nomeado Riso) Diz noutra parte o mesmo Rabbino: A verdadeira alegria naõ so de presente tem seu effeito, mais ainda esperada dante maõ; porque tem ella esta prerogatiua consigo.

Gen. 21. n. 6.

Phil. 2. Al. leg.

15 E porque este temor, & esperança de males parece ser o ultimo dos sinaes do juizo, serà bem que neste lugar ponhamos os que por tradiçaõ dos Iudeos achou S. Ieronimo em seus annaes, como delle os referem muitos, & principalmente S. Boaventura sobre este Euangelho. Quinze sinaes diz que haõ de preceder em quinze dias, que naõ determinam se haõ de ser interrompidos, ou continuados; ainda que parece mais congruente que sejaõ continuados todos antes da vinda do juiz.

Ieron. apud Bonan.

16 O primeiro sinal no primeiro dia serà que as aguas do mar se leuantaraõ como em altissimas serras mais altas que os cumes dos mais altos montes da terra. E a isto attribue S. Bernardino de Sena o aperto das gentes, que no texto se diz; sentindo que espantados os homens queraõ fugir & naõ sabendo para onde, se veraõ em grande aperto. O segundo dia se sumiraõ as aguas do mar para o profundo, & se recolheraõ com terribel ruido, deixando espantosos abismos, & concavidades. O terceiro dia subiraõ asima das aguas as feras, & monstros marinhos, & daraõ bramidos, & zoidos atè o Ceo, como pregoeiros do juizo. O quarto dia arderaõ terribelmente todas as aguas dos mares, & dos rios. O quinto dia todas as arvores, & ervas distil-

Bern. Sen. de jud. Girarb. ser. ij. n. 1. e. 4.

laraõ sangue. O sexto dia cairãõ todos os edificios de todo o mundo. O settimo dia todas as pedras se quebra- raõ humas com outras. O oitauo dia socederà hũ grande terremoto, qual nunca os homens viraõ no mundo, como se diz no Apocalypse. O nono dia se arrasara toda a terra, & se farà igual, entulhandose os vales, & despenhandose os montes. O decimo dia, fairaõ os homens das couas, & cavernas em que pollo medo andavam escondidos, naõ tendo ja nem essas por seguros, & se encontraraõ hũs com os outras sem se poderem de pavor falar. O vndecimo dia se abri- raõ as sepulturas, & appareceraõ os ossos dos finados cada hum sobre a sua. O duodecimo dia cairãõ as estrel- las do Ceo, & aueraõ cometas, & impreçoens meteoricas terribilissi- mas, com figuras horriueis; escure- cer se ha o Sol, & a Lúa se conuerterà em escura, & tenebroza cor de san- gue. O tercio decimo dia morreraõ todos os homens que restarem viuos para ao terceiro dia resurgitẽ ao juizo. O quarto decimo dia ardera o vniuerso todo; o Ceo, & a terra, & ar, como diz o Apostolo S. Pedro: Passaraõ os Ceos com grande impeto, & os Elementos se derreteraõ com o fogo, & a terra, & quanto nella ha serà consumido, & abrasado. Finalmente ao quintodecimo, & vltimo dia, em que o Senhor ha de vir a julgar em justiça, se renouaraõ o vni- uerso, & appareceraõ Ceos novos, & terra noua, como se prophetiza no Apocalypse.

Apos. 16. n. 18.

2. Petr. 3. n. 10.

17 Pois onde te irãõ entam miserauel peccador? Onde poderãõ fugir do rigor do juizo? Quem te poderãõ entam valer? Por certo que nada mais, que o escudo das boas, & virtuosas obras, que deste mundo leuares, de que a verdade diuina te farà entãõ escudo contra o impetu, & furia de todas as creaturas, que se haõ de armar pollo creador offendido em vingança

vingança de seus offensores inimigos. conforme ao que se diz em o Psalmo: A verdade do Senhor te cercará como escudo; que ainda que he assi que nosso Redemptor Iesus Christo seruiu na Cruz de escudo em que por defender aos homens que remia, pararam todas as iras do Padre eterno: porem no dia do juizo cada hum ha de levar sua carga, & repararse com a verdade de sua justiça, que se forjou no lado de Christo, & officina da Cruz.

LITAM III:

Dos efeitos do juizo, & vinda do juiz.

18 **A** Pontados os sinaes, que a uiaão de preceder no superior, & inferior mundo, Ceo, & Elementos, & homens, referemse em terceiro lugar os efeitos do juizo, & vinda do juiz. Pollo qual se segue em o texto. *Porque as virtudes dos Ceos se abalarão, & entam verãõ ao filho do homem que virã em hũa nuuem com poder grande, & magestade.* Pollas virtudes dos Ceos entendem commumente os Doutores aos Santos Anjos, que se chamaõ aqui virtudes, ou para encarecimento de espanto, pois sendo taes esmorecem: ou para acrescentamento do temor, pois com tanto cabedal metido se ha de fazer o juizo. Polo qual diz S. Gregorio. Que cuidais que quer dizer virtudes do Ceo, senãõ Anjos, Dominaçoens, Principados, & Potestades? As quaes na vinda do rigoroso juiz, appareceirão visiuamente a nossos olhos, para estreitamente nos tomarem conta, do que agora tam largamente o inuisiuel Creador nos sofre. E Landulpho Carthusiano dà algũas razoens deste mouimento das virtudes celestiaes dizendo. He de notar que este mouimento ferã de muitas maneiras. Porque alguns dos Anjos se moueirão de mouimento de admiracão, considerando os efeitos admiraveis, & desusados que verãõ acontecer fora de toda a ordem natu-

ral. Item se moueirão polla vontade diuina, pera fazer maravilhosas transformaçõens nos Elementos, para pôr espanto em os homens, por causa do Iuiz que virã. Item mouer se haõ para vingança dos peccadores, para os apartar dos bons, requerendo com zelo, que faça delles cruel justiça, conforme aquillo, que noutro lugar do Euangelho diz o Senhor. Sairam os Anjos, & apartaraõ os maos do meyo dos justos, & lançallos haõ em a profunda fornalha de ardente fogo. Item pode se dizer que se moueirão por gran temor, porque verãõ todo o mundo ser julgado com Lucifer seu principe. O de cima he de Landulpho.

19 Considera pois abaixo com S. Boãventura, dizendo. Grande serã por certo a peleja de todas as creaturas contra os innumeraueis peccadores, que atẽ as virtudes dos Ceos se moueirão, isto he, terãõ horror polla grandeza dos sinaes, & estragos que succedaraõ, porque assi como hum homem posto sobre o cabeço de hum monte, vendo souerter hũa cidade, ou abraçarse hũa terra, tem por instinto natural, pauor em si mesmo, ainda que se veja liure daquelle perigo; assi os Anjos, & bemaumentados vendo pelejar contra os reprobos todo o mundo naturalmente seraõ de horror abalados. Donde se diz em o Psalmo. Turbar se haõ os que moraõ em os termos vendo vossos sinaes. O de cima he de S. Bernardino. Ao qual se pode acrescentar que chama o Euangelho abalo das celestiaes virtudes, & bemaumentadas almas ao gosto que terãõ pollo zelo da justiça de ver castigadas as offenças diuinas, conforme ao que no outro Psalmo se diz. Alegrar se ha o justo quando vir a vingança, lava- raõ suas maõs no sangue dos peccadores; & dirãõ entã que fructo tirou logo o justo; Deos ha que os julgue na terra. Porque he tam natural a compaixão na charidade, que atẽ para solenizar

Matth. 13.
v. 48

Greg. hom.

Land. 2. p.
c. 24.

Psal. 64. v.
9.

Psal. 57. n.
2.

lenizar esse zelo, he necessario abalo grande para mouer a isso a caridosa vontade. Porque (conforme ao Apóstolo) a charidade de sua condiçãõ he mui benigna; nem encontra o proximo, nem anda de balde; isto he, não se occupa em cousa que não seja bem do proximo; & por isso não he muito que até para verem o justo castigo de Deos se ache abalo nos espiritos Angelicos, & almas bem auenturadas. Pode-se tambem entender por este abalo das virtudes celestiaes, não o de temor, pavor, ou reuerencia; senão o que farão per officio. Pollo qual diz S. Ioaõ Chrysostomo: Se o Rei quer partir para a guerra contra alguẽm, & tratta do apresto da jornada, logo os officiaes, & titulos se abalam, o exercito se leuanta, & a cidade toda ferue. Quanto mais leuantandose o Rei celestial a julgar os viuos, & os mortos, as virtudes celestiaes se moueraõ. Precederaõ terribes ministros a som terribel. Irã diante d'elle em lugar de tochas, relampagos viuos. Em lugar de trombetas, trouens horriueis. Grande por certo voz ha de ser aquella, aquẽm obedecem todos os Elementos, que corta o peccado, que abre os infernos, & rompe as ataduras da morte. Até qui S. Ioaõ Chrysostomo. Alem destas explicaçoens dà outra S. Bernardino de Sena entendendo por virtudes celestiaes não só os Anjos do Ceo, mas tambem os homens bem auenturados.

20 Cõsidera pois o Christaõ, qual temor de nester do juizo, pois aos Anjos do Ceo lhes parece que não estaõ seguros. Donde diz S. Boaventura. Turbarseãõ os espiritos Angelicos, polla geral conturbaçãõ, conforme ao que diz Iob As columnas tremem, & esmorecem ao aceno de Deos. E isto não por medo da pena, mas por temor de reuerencia, & honra de vingança diuina. A cerca do qual diz S. Ieronimo; & Beda. Que farão as

taboas, quando tremem as columnas? Que padecerã a vergonteasinha do deserto, quando o Cedro do Libano do Paraiso se bate? Outras duas explicaçoens dà ainda sobre estas o Arcebispo Magantino. A primeira he que pollas virtudes dos Ceos se entendem esses mesmos Ceos pollos muitos dores de virtudes, ou virtuosidades que tem sobre toda a outra corporal creatura, (como per metonymia) porque todos os outros inferiores corpos, da luz, calor, & mouimento do Sol, recebem sua virtude. A segunda, que pollas virtudes dos Ceos se entende o ornato, & exercito celestial, que são as estrellas assi fixas como errantes, aquẽm as Escrituras chamaõ exercito, & milicia celestial) de que se diz em o Psalmo. Com a palavra do Senhor foram firmados os Ceos, & com o espirito de sua boca se lhes deu toda sua virtude; isto he, todo seu ornato. E por ventura que hũa, & outra exposiçãõ se tomou de S. Ambrosio, que diz. Virtudes do Ceo são as que contaõ a gloria de Deos, as quaes por hũa superabundante infusaõ de Christo se moueraõ. Quer dizer que se immutaraõ para maior luz, & claridade. Como que quizera o santo que para esperar o juizo de Christo, atẽ os cristallinos Ceos, & luzentes estrellas se achassem mingoados, & acrecentassem luzes em si, para nam apparecerem com mancha algũa diante do rigor do juiz. Em afronta dos homens, que com tam tenebrosos defeitos não receam chegar ao Senhor.

21 Segue-se em o texto. E entãõ veraõ ao filho do homem vir em hũa nuvem, com poder grande, & magestade. O que diz entãõ ha se de entender, que chegada a hora do juizo, precedidos todos a quelles sinaes, & resucitados todos os mortos; E abrazado todo o vniuerso. A qual hora conforme a opiniaõ de muitos he a da meia noite, conforme ao que demof-

1. Cor. 13.7

Ferois
Matth. 24.

Imperf in
da Matth. 24.
6. 49. tomia.

Psal 32. n.
6.

Ambrosio in
Luc.
Psal. 18. n.1.

Nonan. hic.

Iob. 26. n.2.

Ieron.
Beda.

Matth. 25.
n. 6.
Lact. lib. 7.
c. 19.
Baron.
An. 51 c. 44.

Vid. Suar.
tom. 2. 3 p.
disp. 50 sect.
10. c. c.

Ægid. Luf.
tom. 3. q. 8 ar.
2.

Ioan. 5. n.
25.

Aug. 1. de
Trin. 13.

Beda hic.

sta a parábola das Virgens. E o que Lactancio refere da Sybilla. E daqui dizem se tomou o santissimo costume de levantar a meia noite a louvar ao Senhor, & vigiar a vinda do Espofo. Mas o que se diz da meia noite facilmente se pode entender do tempo do descuido; Ou de que não haja de ser de dia. E assim conforme a outros parece mais conueniente que haja de ser de madrugada na mesma hora em que Christo resucitou; porque a mesma hora ha de ser a do juizo vniuersal, & a da resurreiçam geral. Tambem não pareceo mal ao Doutor Subtil que haja de ser a hora de terça em que Christo foi julgado por Pilatos. No dia se concorda mais, que ha de ser Domingo. No tempo não parece má conjectura, que no mes de Março no mesmo em que o mundo foi criado como fazendo círculo perfeito. Do lugar communmente se tem que será o valle de Josaphat, como mais largo se dirá no capitulo enze. Quanto aos que verão ao Senhor ha de se entender que bons, & maos: fieis, & infieis. Em propria forma humana, porque como filho de homem ha de vir a julgar, pois o pae (diz o Senhor) não julga a alguém mas toda a autoridade do juizo deua ao Filho porque he filho de homem. Este poder mereceo com as mais prerogatiuas polla vida & morte que chedei: passou polla qual diz S. Agostinho. Esta forma de Filho de homem apparecera no juizo, não somente aos justos, mas tambem aos maos: & a visão desta forma não será para bem dos que mal fazem. Por onde o veneravel Beda, diz que naquella forma apparecerá o Senhor aos escolhidos, em que appareceo a seus tres discipulo em o monte Thabor; mas aos maos em só aquella forma se mostrará, segundo a qual estaua encruado em a Cruz. Não porque quaira dizer o veneravel Padre que apparecerá Christo aos maos to-

do ferido, & chagado como em a Cruz; senão que se representará não como glorioso; mas commo ordinario homem sem a redundancia da gloria da Resurreiçam. E o de vir em nuuem, diz S. Ioão Chrysofomo, que fará por se comprir o que no dia de sua Ascençam dixerão os Anjos: Assi virá como o vistes subir. O que acontecera no monte Oliueti no proprio lugar donde subio ao Ceo: Per ventura que para mostrar que a mesma nuuem serua de carro de saluaçam aos bons, & de condenaçam aos maos. O que foi figurado em aquella nuuem, que no Exodo se diz que poz o Anjo entre os Israelitas, & os Egypcios: & da parte dos Israelitas causaua claridade; & da dos Egypcios treuas. Sobre o qual diz Origenes, que isto fora porque amaram mais os homens as treuas que a luz, como se diz no Euangelho. E bem he de aduertir para grandeza do mysterio que esta nuuem não ha de ser natural por quanto serão acabados os materiaes mouimētos: mas sobrenaturalmente criada, & formada para maior espaço, & pópa. Na primeira vinda foi o mesmo Christo auogado como diz S. Ioão: mas na seguda diz Chrysofomo: Ne nū auogado auerá, né intercessão se achará. Né à aquelle que careceo da vestidura nupcial ouue que acodisse; nem quem rogasse pollas virgens que de fora chamauam polla Espofo. Diz mais em o texto, que virá Christo com poder grande, & majestade. Isto he, com poder grande, & majestade tambem grande, como o aduirte S. Cyrillo Alexandrino. Este grande poder, & majestade não resultará só da authoridade, & seueridade do juiz; mas tambem de sua diuina pompa, & aparato. Ao qual ha de servir com mais bisarria a Santissima Cruz, mais clara, & resplandecente que o proprio Sol, que corrido de sua luz se esconderá. E este santissimo sinal de Christo (como he chama

Chryf. sup.

Act. 1. n. 11.

Exod. 14. n.

20.

Orig. in
Gloss.

Ioan. 3. n.
19.

Stell in Luc.
1. Ioan. 2. n.

1.
Chryf. hom.
22. ad Pop.

Cyrril. in
catem.

Matth. 24. n. 30. chama S. Mattheus) com razão diz S. Ieronymo que ha de ser o mais duro supplicio que os maos haõ de ter naquelle dia. Por isso considerou Ephrem, que se auerá Senhor Iesus Christo com os homens, como Ioseph se ouue em Egypto com seus irmãos, aos quaes quando se descobrio dizendo: Eu sou Ioseph quem vos vendestes para Egypto; acrecenta Ephrem, que mostraua, & batiã o bastão insignia de seu poder, & magestade dizendo. Pois agora reino muito em que vos peze. Do mesmo modo conheceraõ os homens a propria Cruz, & ao Filho de Deos crucificado por elles. Pollo qual em S. Mattheus se diz em o texto correspondente á este de S. Lucas, que apparecerá o final do filho do homem (isto he sua santissima Cruz, cravos, & mais instrumentos de sua paixão, como o explica Landulpho) & entam chorarão sobre si mesmas todas as tribus da terra, posto que tarde. Porque na primeira vinda poz Christo os peccados delles na Cruz de traz, & encima de suas costas para descaregar os homens delles; & na segunda os trará diante de si, & de seus olhos, para com elles fazer cargo a effes mesmos homens.

23 Tambem se pode entender este poder, & magestade do juiz pollos sinais de suas chagas, que entam appareceraõ vertêdo sangue aos peccadores, & principalmente aos Iudeos seus inimigos: aas quaes chama poder, & magestade, representatiuamente: porque assi como o escudo com o brasaõ, & armas, he o que representa o poder, & magestade do Principe; assi as chagas santissimas seraõ no corpo de Christo em o juizo derradeiro. Pollo qual diz S. Agostinho. Ha o Senhor de mostrar suas chagas aos inimigos para que conuencendoos com ellas lhes diga. Eis aqui o homem que crucificastes; vede as chagas que rasgastes? Conheceis o lado que feristes? Pois por vos, & por amor de vos foi

aberto, & com tudo naõ quizestes entrar. Até qui S. Agostinho. Em o qual parece que aquellas chagas diuinas haõ de ser as cinco pedras lisas do arroyo da paixão que Christo, qual outro David metteo em seu surraõ da humanidade santa, para em aquelle dia espantoso da batalha deribar o gigante da consciencia do peccador, que presuntuosamente as desprezou na vida. Olha pois Christaõ, se entaõ no dia que David chama dos males, ou dos maos, naõ fores recolhido daquelle tabernaculo, donde te poderas valer, pois até sua cruz te perseguirá, & suas chagas te apedrejarã, & a mesma misericordia te leuará a justicar. E (como dixe Philo Hebreo. Sobre o preceito da lei que mandaua aos proprios paes entregar o filho cõtumaz, naõ ha maior castigo que serẽ accusadores os mesmos, que deuiaõ ser auogados.

LI. 5. AM. 17.

Da aduertencia do tempo do juizo.

24 **P**ROgnosticados os sinaes, & effeitos, & vinda do juiz. se poem em quarto lugar á aduertencia para o tempo do juizo. Pollo qual se segue em o texto. *Equando virdes, que estas cousas começam a succeder, aduerti, & leuantai vossas cabeças, porque se chega vossa redempçaõ; E poz lhe esta semelhança. Vedes a figueira, & as outras arvores, quando produzem de si fruito, sabeis que esta perto o Estio. Assi vos tambem quando virdes que succedem estas cousas, sabeis que esta perto o reino de Deos.* Estas palauras dirigio o Senhor a seus discipulos, com quem entaõ praticaua Sobre o qual diz S. Basilio. A cada hum dos animas deu o Creador de todos Deos, intrinsecas causas, que fiz effem a defençaõ de sua propria consistencia; por amor do qual tambem Christo nos deu este auiso: porque nos aconteça a nos ter por ajuda da razão a cautela, que elles tem por dom da natureza. Pollo que diz em o texto. Aduerti, & leuantai vossas cabeças. Isto he. Aduerti

Phil. de vit.
Moyſis.
Senec. Ep.
10.

uertir porque vos não tome descuidados & repentinamente, porque como diz Philo Hebreo, Mais graue he o dano repentino, que o esperado. E Seneca diz: Todos os males desprezareis, se muitas vezes antes os esperardes, & futuros os presumirdes. Ninguẽ deixou de chegar valente ao que muito antes esperou. Pollo contrario o sobre saltado das cousas leuiffimas teue medo. E noutro lugar diz.

Idẽ de Cõsol.

O mal que antes se prevenio, chegou a offender mais fraco. O como he misericordiosa, & medicinal esta lembrança do juizo. Como era proueitoſa na imaginaçõ de S. Ieronimo aquella voz: leuantauios mortos, & vinde a juizo. O que tem de terror faz esquecer de todo o outro sentido, &

Hier. Reg.
Monach. c.
30.

mouimẽto carnal (segundo Clemente Alexandrino) Assi como hum relapago faz escurecer, ou descuidar de attentar em qualquer outra luz em quanto dura. E S. Basilio diz. Se te sentires prouocar á algum peccado, traze à memoria aquelle formidauel tribunal de Christo; & com isto como com freo reteras a alma. E S. Ioaõ

Clem. Alex.
Recogn. lib.
9.
Basil. in Reg.
33.

Chryſ. apud
Land. sup.

Chrysoſtomo. Tragamos à memoria aquelle dia, & aquelle juizo, & este pensamento deterà este impeto mais fortemente que todo o freo. Digamos a nos mesmos: A relureiaçõ, & hum juiz terribel nos espera. Todos auemos de estar ante o tribunal de Christo bons, & maos. Estes para que diante de todos sejaõ enuergonhados; aquelles glorificados. Pollo contrario a falta desta consideraçõ faz agõra peccar sem freo, & sem o crauo do temor com que Dauid desejava ser pregado. E por que falta muito, pecca muito; donde quando diz o mesmo Psalmista. Apartemse vossos juizos de sua face, isto he de sua memoria; segue logo: Maluados saõ seus caminhos em todo o tempo.

Pſ. 118. v.
120.
Staplet. conc.
huius Dom.
Pſ. 10. v. 5.

25 Não quer logo o Senhor, como bom amigo, que estes males nos tomem inaduertidos. Antes não se

contetando com tantos sinaes precedentes, nos auisa mais em particular dizendo. Aduerti, & leuantaui vossas cabeças. O Aduerti pertence ao entendimento, & o leuantar a cabeça pertence à vontade. A saber aduertir por Fè pura, & leuantar a cabeça por esperança legitima. Donde Landulpho explica assi. Quando os peccadores se desfizerem entre si mesmos com temor dos males, que os cercaraõ, vos outros os escolhidos aduertir com olhos de clara Fè, & considerai com diligencia, & abri vossos coraçõens crendo, & em nenhuma maneira duuidando; & leuantaui por esperança vossas cabeças, isto he, sobre vossos entendimentos das cousas baixas às celestiaes. Ate qui he de Landulpho. E faz o Senhor esta aduertencia por que aquelles perigosissimos tempos prouaraõ a Fè de muitos, & os que della cairem seraõ desesperados; porque he consequencia da Fè perdida, perder tambem a esperança. Esta he a razãõ porque entre aquelles, em que anda a Fè estragada, anda tambem adulterada a esperança. Pollo que entre os hereges septentrionais, que em nossos malafortunados tempos saõ a terceira parte das estrellas, que o Dragaõ Luthero derribou do Ceo da obediencia da Egreja Romana, & verdadeira Fé de Pedro; anda tam adulterada a esperança da saluaçõ, que cuidaõ os ignorantes que basta apaixaõ de Christo sem mais cooperaçõ de sua parte para os salvar. Por isso Christo Senhor nosso manda aduertir na Fè pura que a Egreja Romana cabeça de todas as Egrejas ensina, & leuantar a cabeça por esperança, não murcha, & presumida; se não viua, & bem fundada.

Land. sup.

26 Doutro modo se pode entender que manda nosso Redemptor leuantar a cabeça no tempo da tribulaçõ do juizo, a saber tirandoa das cousas mundanas, & terrenas: E com muita razãõ, porque mal pode aduertir